

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

POLÍTICAS DE ESPORTE EM ALTO RENDIMENTO: REFLEXOS NA
QUALIDADE DE VIDA DE EX-ATLETAS

LUIZ FELIPE FARIA DE AZEVEDO FILHO

VILA VELHA – ES
Agosto/2015

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

POLÍTICAS DE ESPORTE EM ALTO RENDIMENTO: REFLEXOS NA
QUALIDADE DE VIDA DE EX-ATLETAS

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha – ES, como pré-requisito do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

LUIZ FELIPE FARIA DE AZEVEDO FILHO

VILA VELHA – ES
Agosto / 2015

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

A994p Azevedo Filho, Luiz Felipe Faria.

Políticas de esporte em alto rendimento: reflexos na qualidade de vida de ex-atletas / Luiz Felipe Faria de Azevedo. – 2015.

87 f.: il.

Orientador: Irineu Francisco Barreto Junior.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Vila Velha, 2015.

Inclui bibliografias.

1. Políticas públicas. 2. Sociologia do esporte. 3. Qualidade de vida. 4. Basquetebol. I. Barreto Junior, Irineu Francisco. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.483

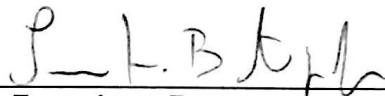
LUIZ FELIPE FARIA DE AZEVEDO FILHO

**POLÍTICAS DE ESPORTE EM ALTO RENDIMENTO: REFLEXOS NA
QUALIDADE DE VIDA DE EX-ATLETAS**

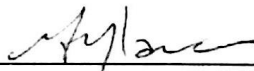
Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha – ES, como pré-requisito do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 13 de agosto de 2015

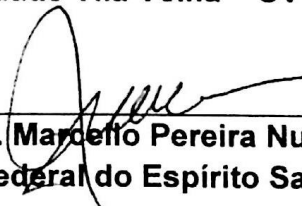
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Irineu Francisco Barreto Junior (orientador)
Universidade Vila Velha – UVV-ES



Prof. Dra. Manuela Vieira Blanc
Universidade Vila Velha – UVV-ES



Prof. Dr. Marcello Pereira Nunes
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Dedico este produto científico às pessoas que sempre acreditaram e incentivaram o meu trabalho e confiaram em mim plenamente, em especial à minha esposa e meus pais amados.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Modelo Analítico SPLISS (De Bosscher, 2006)	39
Figura 2 - Seleção Brasileira campeã Pan Americana em Indianápolis 1987	52
Figura 3 Seleção Brasileira Masculina de Basquete nas Olimpíadas de Seul 1988 - Paulinho, Luiz Felipe, Guerrinha, Oscar, Maury, Cadum, Gerson, Paulo, Pipoka, Rolando, Israel e Marcel	53
Figura 4 - Dream Time Norte Americano, equipe campeã nas Olimpíadas de 1992.Christian Laettner, David Robinson, Patrick Ewing, Larry Bird, Scottie Pippen, Michael Jordan, Clyde Drexler, Karl Malone, John Stockton, Chris Mullin, Charles Barkley, Magic Johnson	54
Figura 5 - Estrutura Organizacional Esportiva do Japão (Houlihan& Green, 2007 p.55).....	65

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 - Importância atribuída aos indicadores de seleção para o jogador armador, lateral, pivô (Ramos e Tavares, 2000)	16
Tabela 2– Relação de atletas representantes do Brasil nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996) na modalidade Basquetebol.....	26
Tabela 3 - Desempenho do Brasil nos Jogos Olímpicos, modalidade Basquetebol Masculino.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS

AAPB	Associação de Atletas Profissionais de Basquetebol do Brasil
CBB	Confederação Brasileira de Basquete
CETAF	Centro de Treinamento Arremessando para o Futuro
CIE	Centro de iniciação ao Esporte
CNE	Conselho Nacional de Esportes
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
CPJ	Centro Pan-Americano de Judô
EUA	Estados Unidos da America
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FPA	Former Players Associations
GEPAE	Grupo de Estudo em Gestão do Esporte da Universidade de São Paulo
GEPETIJ	Grupo de Estudo e Pesquisa em Esporte e Treinamento infanto-juvenil da Universidade de São Paulo
HRQL	Healthy Related Quality of Life
JISS	Institute of Sports Sciences (Japão)
JOC	Japanese Olympic Committee
LIE	Lei de Incentivo ao Esporte
LNB	Liga Nacional de Basquete
ME	Ministério do Esporte
NBA	National Basketball Association
NBB	Novo Basquete Brasil
NFL	National Football League
NCAA	National Collegiate Athletic Association
OMS	Organização Mundial da Saúde

PAA	Programa de Apoio ao Atleta do Comitê Olímpico Brasileiro
SNEAR	Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR)
SNELIS	Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social (SNELIS),
SPLISS	Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success
TLP	Treinamento a Longo Prazo
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais/
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria/
UnB	Universidade de Brasília
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
UPE	Universidade de Pernambuco
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USOC	United States Olympic Committee
USP	Universidade Estadual de São Paulo
WHOQOL	World Health Organization Quality of Life

RESUMO

AZEVEDO FILHO, Luiz Felipe Faria de, M.Sc., Universidade Vila Velha – ES, agosto de 2015. **Políticas de Esporte em Alto Rendimento: Reflexos na Qualidade de Vida de Ex-atletas.** Orientador: Irineu Francisco Barreto Júnior

Esta dissertação de mestrado analisa as políticas brasileiras para esportes de alto rendimento, especificamente aquelas voltadas para atletas aposentados da modalidade basquetebol. Procura identificar a existência de políticas, governamentais ou não governamentais, para esse segmento; analisar a consonância, dessas políticas, com pressupostos internacionais; e, ainda, se há efeitos das políticas na qualidade de vida de ex-atletas profissionais. A perspectiva sociológica do estudo é estabelecida pela identificação de uma estrutura de competição, engendrada na sociedade, que reflete a competição esportiva. Além desse aspecto, a dissertação identificou que o esporte representa uma marca específica em estudos sociológicos, sobre esporte, cultura e comunicação de massa. Ratificado papel de destaque desempenhado pelo esporte moderno na sociedade, a pesquisa destaca a observância de alguns aspectos. O primeiro, de natureza sociológica, remete à representação social do atleta de alto rendimento e o segundo advém da relação entre o esporte moderno e a política. A partir do estabelecimento do marco teórico e cenário esportivo brasileiro o presente estudo voltou-se à compreensão do estágio de vida *pós-carreira esportiva* e, mais especificamente, à identificação dos reflexos de uma vida dedicada ao esporte de alto rendimento na qualidade de vida de ex-atletas profissionais. Para tal finalidade, em termos metodológicos, foram realizadas entrevistas com ex-atletas, integrantes das Seleções Brasileiras Masculinas de Basquetebol participantes dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996). A abordagem empírica permitiu identificar importantes avanços, relacionados ao desenvolvimento de equipamentos esportivos e atendimento multidisciplinar no esporte. Em contrapartida, a ausência de programas estruturados para a detecção e promoção de talentos esportivos, baixa integração entre os órgãos gestores e distanciamento entre a formação esportiva e o ambiente escolar são apontados como obstáculos ao desenvolvimento do desporto brasileiro. Além dos fatores citados, a qualidade de vida pós carreira esportiva é impactada, principalmente, quando relatada ocorrência de múltiplas lesões e grande desgaste físico durante a carreira e a ausência de programas de suporte ao atleta e preparação para transição profissional.

Palavras Chave:

Políticas Públicas; Qualidade de Vida; Basquetebol; Sociologia do Esporte

ABSTRACT

This dissertation analyzes the Brazilian policies for elite sports, specifically those related to retired basketball athletes. Seeks to identify the existence of governmental or non-governmental policies for this segment; examine the line of these policies with international assumptions; and also if there are effects of policies on quality of life of former professional athletes. The sociological study perspective is established by identifying a competition structure, engendered in society that reflects the sporting competition. Apart from this, the dissertation found that the sport is a specific brand in sociological studies on sport, culture and mass communication. Ratified major role played by sport in modern society, the research highlights the compliance with some aspects. The first, sociological in nature, refers to the social representation of elite athletes and the second comes from the relationship between modern sports and politics. From the establishment of the theoretical framework and Brazilian sports scene this study turned to the understanding of sports post-career life stage and, more specifically, the identification of reflections of a life dedicated to high performance sport in the quality of life of former professional athletes. For this purpose, in methodological terms with former athletes interviews were conducted, members of Brazilian Men's Basketball Team, participants of the Seoul (1988), Barcelona (1992) and Atlanta (1996) Olympic Games. The empirical approach allowed the identification of important advances related to the development of sports equipment and multidisciplinary care in sports. By contrast, the lack of structured programs for the detection and promotion of sports talent, low integration between the management bodies and distance between sports training and school environment are seen as obstacles to the development of Brazilian sport. In addition to these factors, the quality of post athletic career life is impacted, especially when reported occurrence of multiple injuries and great physical wear during the race and the lack of support athletic programs and preparation for professional transition.

Keywords: Public Policy; Quality of life; basketball; Sociology of Sport

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	IV
LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS.....	V
LISTA DE ABREVIATURAS.....	VI
INTRODUÇÃO.....	11
Problematização e Objetivos.....	13
Justificativa.....	14
Metodologia.....	17
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ESPORTE MODERNO.....	18
1.1 Da Sociogênese.....	18
1.2 À Espetacularização.....	22
2 ESPORTE E POLÍTICA.....	29
2.1 Políticas Públicas.....	35
2.2 Sistemas Esportivos Internacionais.....	37
2.3 Políticas Públicas de Esporte no Brasil.....	42
3 POLÍTICA, ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E QUALIDADE DE VIDA.....	49
3.1 Caracterização Da Amostra.....	50
3.2 Apresentação e discussão dos Resultados.....	56
3.2.1 Carreira Esportiva.....	56
3.2.2. Pós Carreira.....	61
3.2.3 Ocupação e Escolaridade.....	63
3.2.4 Políticas de Esporte no Brasil.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	86

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha – ES, procura identificar em que medida as políticas brasileiras para o esporte de alto rendimento estão em consonância com pressupostos internacionais e como se relacionam com a qualidade de vida de ex-atletas profissionais.

A pesquisa toma como pressuposto a humanização desse sujeito, pós carreira esportiva, e, mais especificamente, busca compreender em que medida os reflexos de uma vida dedicada ao esporte de alto rendimento interferem, de forma favorável ou desfavorável, no futuro desses sujeitos. Pretende, ainda, realizar uma análise das políticas esportivas no Brasil e em que medida estas se relacionam com a percepção destes “heróis aposentados” acerca de sua posição na vida, no contexto da cultura e no sistema de valores no qual ele interage. Aborda, ainda, em relação aos objetivos dos ex-atletas, suas expectativas, padrões de vida e percepções (WHOQOL GROUP, 1995). Além das ações estatais, foi considerada a existência de outros arranjos de suporte aos ex-atletas, tais como auxílios oriundos de organizações filantrópicas, privadas ou informais.

O presente trabalho se faz relevante, pois estudos voltados análise de políticas esportivas são escassos em âmbito nacional e mundial. A partir deste estudo pretende-se identificar de que forma a carreira em esporte de alto rendimento pode refletir na qualidade de vida de ex-atletas de basquetebol, oportunizando, por meio das informações reunidas, reflexões acerca da sociedade, políticas de esporte, além de estimular o desenvolvimento de pesquisas envolvendo outras modalidades esportivas e áreas de conhecimento.

A pesquisa foi iniciada coma revisão teórica sobre o assunto e sua interface com a sociologia política, estabelecendo os marcos de análise das políticas esportivas, e dos aspectos culturais da sociedade, de modo geral. Além do arranjo teórico, os reflexos da carreira esportiva na qualidade de vida, a existência de políticas de apoio e as percepções dos ex-atletas foram objeto de pesquisa empírica, realizada por meio de entrevistas direcionadas a uma

amostra, composta pelos integrantes das Seleções Brasileiras Masculinas de Basquetebol participantes dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996). Este grupo é composto por 22 ex-atletas, dentre os quais 18 participaram da presente pesquisa. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou por contato telefônico, sempre contando, além das anotações do entrevistador, com a gravação em áudio da íntegra da entrevista para consulta e análise posterior. Os ex-atletas olímpicos entrevistados são: Antonio Santana (Tonico); André Luis Guimarães (Ratto); Aristides Josuel dos Santos (Josuel); Caio da Silveira; Carlos Henrique Nascimento (Olívia); Gerson Victalino; Israel Andrade; João Viana (Pipoka); Joelcio Joerke (Janjão); Jorge Guerra (Guerrinha); Luiz Felipe Azevedo; Marcel de Souza; Maury de Souza; Paulo Villas Boas; Ricardo Guimarães (Cadum); Rogério Klafke; Rolando Ferreira e Wilson Fernando Minuci.

A representatividade e vasta experiência deste grupo de ex-atletas, somada às características próprias da modalidade esportiva basquetebol, conferem ao estudo maior validade e abrangência, permitindo análise das políticas esportivas no Brasil e da forma como estas se relacionariam com a representação social do atleta e com a percepção destes “heróis aposentados” acerca da temática.

Ao termino deste relatório, como anexo, encontra-se o roteiro de entrevistas que foi utilizado na abordagem empírica dos atletas profissionais aposentados.

Em termos conceituais, a pesquisa adotou o pressuposto de que, para além da representação de uma *sociologia dos esportes*, o *jogo* representa uma marca específica e entrada ampla e profunda na sociologia. Pela compreensão de uma estrutura de competição engendrada na sociedade em que importantes transformações são direcionadas a partir dos resultados desta competição, a sociedade em si pode ser entendida, como apontado por Norbert Elias, como um “Grande Jogo”. Desta forma, integrada às profundas mudanças na dinâmica social e como parte do amplo processo civilizador corrente nos séculos XVIII e XIX, o esporte é consolidado como categoria de destaque da atividade social.

No século XX, mais especificamente, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, observa-se um processo de crescente mercantilização cultural. O esporte é profundamente influenciado, conduzindo a simples prática esportiva à prática com assistentes pagantes, a prática recreativa ao esporte de alto rendimento. Neste contexto; estabelecido como fenômeno de massa amplamente promovido pela mídia, o esporte de alto rendimento eleva seus principais representantes à condição de “estrelas” deste espetáculo, “heróis”, capazes de mobilizar multidões com suas performances (RUBIO, 2001). Aspectos necessários para tornar-se um atleta de sucesso tais como: aptidão física, treinamento árduo, superação de limites, disciplina e concentração favorecem a caracterização destes atletas como “personalidades sobre-humanas”.

Diante deste fenômeno, o presente estudo se volta à compreensão do estágio de vida *pós-carreira esportiva*, e mais especificamente, a identificação dos reflexos de uma vida dedicada ao esporte de alto rendimento na qualidade de vida.

Problematização e Objetivos

O estudo considera o papel de destaque desempenhado pelo esporte moderno, em particular o esporte de rendimento, arraigado e sempre representado de forma emblemática na cultura das diferentes sociedades. Para contextualização do problema de pesquisa merece destaque a observância de dois aspectos. O primeiro deles, de natureza sociológica, remete à representação social do atleta de alto rendimento, à peculiar “aura” criada em torno dos protagonistas desse espetáculo esportivo: atletas, estrelas, heróis. A segunda questão, política, advém da aparente dissonância entre aspectos apresentados como centrais em políticas esportivas internacionais e a realidade brasileira.

Desta forma, observam-se as seguintes perguntas-problema desta pesquisa:

Estaria a política brasileira voltada ao esporte de alto rendimento em consonância com os pressupostos internacionais?

Em todo caso, qual seria a percepção de ex-atletas, que já teriam desfrutado do ônus e do bônus da carreira esportiva, acerca do sistema esportivo vigente, das políticas de suporte para o pós-carreira e sobre as particularidades dessa fase da vida?

O recorte temático estabelecido nesta pesquisa propõe atingir como objetivo geral: *Identificar em que medida as políticas brasileiras para o esporte de alto rendimento estão em consonância com pressupostos internacionais e como se relacionam com a qualidade de vida de ex-atletas profissionais, ao término de sua carreira.*

Além disso, há que se mencionar, os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar o histórico do esporte moderno na sociedade e representação social do atleta;
- Apresentar aspectos relevantes na política esportiva internacional e brasileira;
- Identificar os reflexos da carreira esportiva em alto rendimento na qualidade de vida de ex-atletas de basquetebol, participantes dos jogos olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996);
- Analisar políticas de esporte à luz dos reflexos da carreira esportiva na qualidade de vida de ex-atletas profissionais de basquetebol;

Justificativa

O presente trabalho se faz relevante, pois estudos voltados à análise de políticas esportivas são escassos em âmbito nacional e mundial. A partir deste estudo pretende-se identificar de que forma a carreira em esporte de alto rendimento pode refletir na qualidade de vida de ex-atletas profissionais de basquetebol, oportunizando, por meio das informações reunidas, reflexões acerca da sociedade, políticas de esporte, além de estimular o desenvolvimento de pesquisas envolvendo outras modalidades esportivas e áreas de conhecimento. A eficiência de ações voltadas à promoção de qualidade de vida ao sujeito “pós carreira esportiva” está intimamente relacionada ao oferecimento de suporte ao atleta desde seu ingresso no

esporte de rendimento (Barros, 2008) e como exemplo de ações relevantes, pode-se citar preparação do atleta para o enfrentamento do período de transição profissional e a prevenção de possíveis consequências negativas à saúde oriundas da carreira esportiva em alto rendimento. A partir do maior conhecimento da temática, o presente estudo vai de encontro à necessidade de maior conscientização do poder público, entidades esportivas, dirigentes e atletas quanto à necessidade de ações voltadas à promoção de qualidade de vida ao sujeito “pós-carreira esportiva profissional”.

A opção pela realização do estudo com ex-atletas da modalidade basquetebol, participantes dos Jogos Olímpicos, busca conferir à pesquisa maior validade e abrangência, sendo fundamentada em três fatores principais, conforme descrito abaixo:

1. A distribuição de posições e respectivas funções no basquetebol permite a composição de uma amostra de atletas com características físicas e psicológicas variadas. Este fato é ratificado por Ramos e Tavares (2000), que em pesquisa realizada com treinadores de basquetebol, constataram que fatores (antropométricos, condicionais, técnico/coordenativos, tático/cognitivos e psicológicos) determinantes para a seleção de atletas de uma posição específica, um armador, por exemplo, pode ser pouco significativa para o sucesso de um lateral ou pivô.

INDICADORES / POSIÇÕES	Armador		Lateral		Pivô		Comparação entre as posições
	(±)	Sd	(±)	Sd	(±)	Sd	
<u>Fatores antropométricos</u>							
Altura total	2,5	0,93	3,5	0,4	4,87	2,41	*p=0,00001
Peso	3,06	1,26	3,56	0,66	4,25	1,16	*p=0,007
Envergadura	2,62	1,05	3,56	0,52	4,56	1,59	*p=0,00003
Compr. Membro Superior	2,75	0,86	3,68	0,62	4,56	1,44	*p=0,00003
Compr. Membro Inferior	2,68	0,89	3,62	0,49	4,31	0,91	*p=0,00002
Altura sentado	2,43	0,52	3,18	0,82	3,87	1,33	*p=0,0004
<u>Fatores Condicionais</u>							
Força Membro Superior	3,56	1,06	3,93	0,59	4,56	1,01	*p=0,01
Força Membro Inferior	4,25	0,73	4,43	0,26	4,68	0,32	*p=0,18
Veloc. Deslocamento	4,87	0,11	4,75	0,2	4,06	0,70	*p=0,00052
Veloc. Reação	5	0	4,81	0,16	4,25	0,5	*p=0,00001
Flexibilidade	3,93	1,12	4,06	1,12	3,87	1,16	p=0,88
Resistência aeróbia	4,37	0,91	4,31	0,76	4,31	0,76	p=0,97
Agilidade	4,93	0,06	4,75	0,2	4,25	0,46	*p=0,00085
<u>Fatores Técnico-coordenativos</u>							
Passê	5	0	4,75	0,2	4	0,8	*p=0,00003
Drible	5	0	4,37	0,25	3,31	1,45	*p=0,0004
Arremesso	4,75	0,33	4,93	0,06	4,5	0,26	*p=0,03
Fund. Ind. Defesa	5	0	5	0	4,75	0,0001	*p=0,00001
Controle de corpo	4,93	0,06	4,75	0,2	4,5	0,26	*p=0,01
<u>Fatores Tático-cognitivos</u>							
Leitura de jogo	5	0	4,18	0,29	3,75	0,5	*p=0,00007
Tática individual	4,93	0,06	4,62	0,25	4,37	0,31	*p=0,0046
Capac. Dirigir Jogo	5	0	3,87	0,38	3,43	0,58	*p=0,00002
Capac. Org. Sist. Jogo defensivo	5	0	4,37	0,25	4,37	0,25	*p=0,00005
Capac. Org. Sist. Jogo Ofensivo	5	0	4,06	0,59	3,56	0,86	*p=0,002
<u>Fatores Psicológicos</u>							
Auto-confiança	4,93	0,06	4,81	0,16	4,75	0,16	p=0,3
Auto-controle	4,93	0,06	4,68	0,22	4,43	0,29	*p=0,01
Criatividade	4,93	0,06	4,56	0,39	3,81	0,99	*p=0,00001
Liderança	4,93	0,06	4,25	0,46	3,87	0,61	*p=0,00006
Motivação	4,87	0,11	4,75	0,2	4,62	0,21	p=0,2
Combatividade	4,93	0,06	5	0	4,87	0,01	p=0,1
Espírito de grupo	5	0	4,93	0,06	4,87	0,06	p=0,2
Capac. Concentração	5	0	4,87	0,11	4,81	0,12	p=0,1
Sociabilidade	4,87	0,25	4,75	0,33	4,75	0,33	p=0,2

* p < 0,05

Tabela 1 - Importância atribuída aos indicadores de seleção para o jogador armador, lateral, pivô (Ramos e Tavares, 2000)

2. A dinâmica do jogo, envolvendo saltos, movimentações rápidas em curto espaço, contato direto entre os atletas, somada ao alto nível de imprevisibilidade das ações (DE ROSE, G., TADIELLO, F., ROSE JUNIOR, 2006) potencializa o desgaste físico e risco de lesões traumáticas ou de sobrecarga (MOREIRA, 2003)
3. Ao direcionar a pesquisa aos atletas participantes dos Jogos Olímpicos, pressupõe-se atingir os maiores expoentes do basquetebol brasileiro em determinado período (1988 a 1996). Após os Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) o basquetebol masculino do Brasil esteve ausente nas 3 versões seguintes dos Jogos, voltando a estar representado apenas em Londres (2012).

Metodologia

A pesquisa foi iniciada com uma revisão teórica, estabelecendo os marcos conceituais para análise de políticas esportivas e de aspectos culturais da sociedade de modo geral. Os reflexos do término da carreira esportiva na qualidade de vida de ex-atletas profissionais foram analisados a partir de entrevistas com amostra composta por integrantes das Seleções Brasileiras de Basquete Masculino, participantes dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996) Este grupo é composto por 22 atletas, nascidos entre 04/12/1956 e 18/09/1974 (40 a 58 anos de idade na data de realização da entrevista).

A opção pela realização de entrevistas se justifica pela natureza subjetiva das informações pretendidas, na qual os dados relacionam-se diretamente com a percepção, os valores, às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005). Visando melhor percepção e individualização na comunicação foi utilizado como ferramenta o questionário semiestruturado que se encontra como anexo deste.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ESPORTE MODERNO

1.1 Da Sociogênese

Objetivando discorrer acerca do esporte moderno e, a partir da exploração deste cenário específico, analisar a sociedade e as relações sociais em particular, faz-se oportuno dialogar com os estudos de Norbert Elias acerca da temática. A sociogênese é um conceito central na teoria elisiana dos processos de civilização, estando sempre relacionada com as transformações que ocorrem na estrutura da sociedade, especialmente nas relações sociais. Essas transformações se relacionam intimamente com as estruturas psicológicas dos indivíduos de modo a influenciar e modificar as mesmas, a este processo de transformação do indivíduo o autor se refere como *psicogênese*. A dinâmica sociogênese *versus* psicogênese está presente em grande parte da obra de Norbert Elias, porém, merece destaque seu desenvolvimento nos dois volumes de O Processo Civilizador (ELIAS, 1993 e 1994). Segundo o autor, desde os tempos mais remotos, estruturas sociais e suas respectivas formas de entrelaçamento social orientam para determinadas mudanças em um processo segundo o qual o controle externo é convertido em autocontrole e a coerção social em auto coerção.

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas (Elias, 1993, p. 193-194).

Para Elias, o processo civilizador é pautado no direcionamento das ações e emoções dos indivíduos, em função dos controles exercidos pela sociedade. Os limites a que os indivíduos são submetidos e sua aceitação é constantemente remodelada e culturalmente condicionada visando a

convivência em grupo e necessidade para a sobrevivência. A sociedade não seria, portanto, composta por uma série de estruturas exteriores aos sujeitos, mas por teias de interdependência nas quais os sujeitos são interligados e os rumos da sociedade são definidos a partir dos resultados dessa complexa interação. O processo descrito não ocorre de forma totalmente consciente e proposital, contudo possui uma estrutura bem determinada, que caracteriza o processo civilizador tal qual incide nas sociedades europeias desde a Idade Média. Segundo Dunning (1992), os principais elementos do processo civilizador são:

- A formação do Estado;
- Aumento da centralização política, administrativa e da pacificação sob controle do Estado;
- Aumento das cadeias de interdependência
- Nivelamento no quadro de equilíbrio dos poderes entre classes sociais e grupos (processo de democratização funcional)
- Elaboração e refinamento das condutas e padrões sociais
- Aumento da pressão social para exercício do autocontrole na sexualidade, agressão e emoções
- Aumento da importância da consciência como reguladora do comportamento

Quanto à sociogênese dos esportes, de maneira específica, Martins (2007) destaca a coletânea de ensaios, produzida em conjunto com Eric Dunning e publicada em 1986 com o título de *A Busca de Excitação* (ELIAS e DUNNING, 1992). Segundo Elias, o conjunto desta obra marca a *invenção* do esporte moderno enquanto objeto de pesquisa que, até então, não era alvo de atenção nas ciências sociais. Alain Garrigou (2001) ratifica a importância do esporte na sociologia de Norbert Elias caracterizando o *jogo* como uma marca específica do autor, e esquema pelo qual essa sociologia se iluminaria. De fato, Elias analisa a sociedade como uma grande estrutura de competição, e nesta; assim como nos esportes, formas de conflito estão sutilmente entrelaçadas com formas de interdependência e cooperação. Dentro deste contexto, a sociedade

em si seria palco de um *grande jogo* em que, as mudanças e transformações ocorrem em decorrência dos resultados desta competição.

Finalmente, o desporto pode ser utilizado como uma espécie de laboratório natural para a exploração de propriedades das relações sociais, como, por exemplo, a competição e a cooperação, o conflito e a harmonia, que parecem ser, segundo a lógica e os valores correntes, alternativas que se excluem mutuamente, mas que, neste contexto, no que se refere à estrutura intrínseca do desporto, possuem uma interdependência evidente e muito complexa. (ELIAS, DUNNING 1992 p.18)

Importa salientar que quando Elias e Dunning se referem ao esporte, o fazem apontando distanciamento entre este e os jogos tradicionais ou jogos antigos. Este distanciamento é relativo porque se trata de uma relação de restauração-criação, continuidade-descontinuidade no que se refere aos jogos antigos, em especial os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga (GARRIGOU, 2001). À passagem dos jogos tradicionais aos esportes, como parte do processo civilizador corrente, Elias aplica o neologismo *esportivização*. Tal qual o processo de *curialização*¹ dos guerreiros, essa *esportivização* é fortemente influenciada pelas regras impositivas de etiqueta, conferindo aos esportes um nível de violência sensivelmente reduzido quando comparado com os jogos antigos nos quais as implicações envolvendo ferimentos em larga escala e até a morte não seria mais exercício socialmente aprovado.

Enquanto peça de destaque no próprio processo civilizador, o esporte em sua concepção moderna, mantém estreita relação com importantes transformações sociais e políticas. Norbert Elias destaca, por exemplo, a ligação direta e de natureza causal entre a pacificação da competição política sob forma do regime parlamentar na Inglaterra e a *esportivização* do lazer no decorrer do século XIII e XIX. Segundo o autor, a racionalização e pacificação das condutas encontrava no esporte importante ingrediente para o equilíbrio das tensões flutuantes. Para além da liberação de tensões, o esporte teria papel de

¹ Tornar curial, conveniente, adequado. Norbert Elias identifica a transformação da aristocracia militar em nobreza de corte como fenômeno de destaque no processo civilizador. A este fenômeno, o autor se refere, por exemplo, como processo de *curialização dos guerreiros* (ELIAS, 2001)

destaque na restauração do que o autor apresenta como “tônus mental normal” por meio de um período temporário e provisório de transbordamento.

Outro aspecto importante que marca a *esportivização* como fenômeno distinto das antigas formas de jogos foi a universalização das práticas desportivas ocorrida principalmente na Inglaterra do século XIX, inicialmente com o *soccer* e o *rúgbi*. Neste período, segundo Dunning (2001) estes esportes passam a ser organizados de forma mais aberta e universalista, por meio de associações, em comparações aos tradicionais clubes fechados. Esta característica permitiu a emergência dos esportes nas escolas públicas, criando ambiente que somava um alto grau de independência em relação ao Estado e altos níveis de tensão e competitividade. Esta configuração encontrada na Inglaterra do século XVIII se mostrou extremamente propícia para a difusão esportiva, conferindo ao país papel de destaque no processo de esportivização dos jogos.

Desta forma muitos esportes passaram a ser praticados ao redor do mundo de maneira muito semelhante aos moldes ingleses: além do futebol e rúgbi, o tênis, boxe, remo, corrida a cavalo e atletismo são alguns exemplos. Estes, como integrantes desta *onda de esportivização* ocorrida nos séculos XVIII e XIX, têm como características fundamentais um quadro de regras rígidas, objetivando a igualdade de oportunidades para os participantes ao mesmo tempo em que permitem espaço para variações táticas e técnicas. A vigilância quanto ao cumprimento das regras também se tornara mais eficiente. Deste modo, sob a forma de desportos as competições se expandiam para o mundo, com um conjunto sólido de regras que garantiam a possibilidade de uma alta tensão e razoável proteção contra ferimentos físicos. Murad (2007) ratifica as características específicas assumidas pelos esportes desde então, quando aponta o jogo lúdico como parte da dimensão estrutural e estruturante da vida e o esporte como o “lúdico culturalmente e socialmente organizado”. Com regras aceitas internacionalmente, apresentando papéis e funções bem definidas, hierarquia, articulação política, econômica e cultural, o esporte assume características que podem ser observadas, de forma geral, em todas as instituições modernas conforme será assinalado posteriormente.

1.2 À Espetacularização

O século XX foi marcado por profundas mudanças na dinâmica sociocultural e, mais especificamente, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, observa-se um processo de crescente mercantilização cultural. De acordo com Proni e Lucena (2002), Duarte (2003), Proni (1998), no século XX, mais especificamente, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, um novo padrão de produto e consumo surge e a concepção de esporte é profundamente influenciada pelas relações de mercado. Diversos autores têm se aprofundado neste tema, investigando as transformações sofridas pelo esporte ao longo da história, do surgimento de cada modalidade à sua disseminação; da prática simples à prática com assistentes pagantes, ao esporte de alto rendimento.

No contexto político, o esporte de alto rendimento tem, por muitas vezes, papel estratégico, na medida em que países se apropriam do simbolismo do sucesso esportivo para afirmação e promoção de seus objetivos políticos. A disseminação dessa prática ocorre de maneira concomitante à mercantilização cultural outrora citada, podendo ser ainda mais facilmente percebida a partir do período de Guerra Fria, em que EUA e URSS utilizavam o esporte e o sucesso olímpico para defender e afirmar questões ideológicas (PENHA, 2009).

No século XXI, segundo Nozaki e Penna (2007), além dos atributos outrora citados, o esporte se consolidaria também como ferramenta importante para estabelecimento de consensos para alívio da pobreza e promoção da paz entre os povos nos marcos da recomposição capitalista. Ratificando os pressupostos apresentados, em 2003 foi construído o Relatório da Força Tarefa entre as Agências das Nações Unidas sobre o Esporte, para Desenvolvimento da Paz: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio (ONU, 2003).

O esporte pode atravessar barreiras que dividem as sociedades, tornando-o assim uma poderosa ferramenta para apoiar esforços de prevenção de conflitos e de construção da

paz, tanto simbolicamente no nível global quanto de maneira bastante prática dentro das comunidades. (ONU, 2003).

Analisando de forma específica a expressão esportiva de alto rendimento, esta é entendida como esporte-espetáculo (Bourdieu, 1983; Silva, 1991; Proni, 1998), fenômeno consolidado como elemento da cultura e economia globalizadas que, amplamente difundido pelos meios de comunicação eletrônica, foi moldado em sua estrutura de acordo com a linguagem visual pretendida, sofrendo assim um processo de espetacularização. Como exemplos de alterações promovidas em função da indústria midiática pode-se citar, de acordo com Pires (1998):

- a) as mudanças de regras nos esportes coletivos, visando a aumentar o dinamismo da disputa, a redução o tempo “morto” e o tempo total do jogo, numa adequação ao “formato” do espetáculo televisivo;
- b) a introdução de paradas estratégicas no decorrer dos tempos de disputa (“tempo técnico”), a fim de que possam ser veiculadas mensagens comerciais dos patrocinadores;
- c) o convívio de sistemas esportivos paralelos às federações e às confederações (as Ligas), possibilitando ampliar o número de espetáculos oferecidos e garantir-lhes maior qualidade técnica.

Mauro Betti (1998), acerca do esporte espetáculo (ou telespetáculo como adotado pelo autor), o aponta como integrante de uma recente onda do processo civilizador, o mesmo outrora destacado por Norbert Elias. Neste, o discurso midiático exige dos partícipes, sejam atletas, dirigentes, expectadores, comportamento deveras civilizado, representado pelo constante discurso do *espírito esportivo*.

Pela televisão, chegam as imagens, antes que as transformações reais, a todos os recantos do planeta, alimentando o imaginário social de grandes massas. Na programação televisiva evidencia-se um modelo do que é esporte e ser esportista. Diminuem também neste campo as diferenças entre as classes sociais, e entre as nações de todos os continentes, inclusive no plano estritamente técnico. (Betti, 1998 p.201)

Neste contexto; estabelecido como fenômeno de massa amplamente promovido pela mídia, o esporte eleva seus principais representantes à condição de *estrelas deste espetáculo, ídolos, heróis* capazes de mobilizar multidões com suas performances (RÚBIO, 2001). Aspectos necessários para tornar-se um atleta de sucesso tais como: aptidão física, treinamento árduo, superação de limites, disciplina e concentração favorecem a caracterização destes atletas como *personalidades sobre-humanas*. Os ídolos do esporte são a personificação da vitória, das emoções, das paixões no esporte. Sem as estrelas não há sensação, não há público, renda, prêmio, publicidade, vendas. (SILVA, 1991).

Se desde a antiguidade, o atleta vencedor já gozava de prestígio ao receber uma emblemática coroa de louros, acompanhada de honras políticas, isenção de impostos, dentre outras regalias, na atualidade a coroa foi substituída por ouro, prata e bronze e as honrarias políticas são acompanhadas por contratos milionários e a elevação de alguns atletas à posição de destaque social semelhante à da própria realeza (RÚBIO, 2001).

Vários estudiosos têm se dedicado a investigar a relação entre o esporte e a mídia, e neste processo intensamente estabelecido, a transformação de atletas profissionais em mitos (GODOI, 2011). Contudo, o objetivo do presente estudo não aponta para a mesma direção dos holofotes, buscando analisar as políticas de esporte e a sociedade em si, a partir do relato de ex-atletas profissionais, figuras humanas, que talvez, já não estejam no centro dos holofotes e microfones, talvez, já desprovidos de seus *superpoderes*.

Almeida e Carvalho (2009), em diálogo com a cultura e pensamento complexo e objetivando uma reforma de pensamento, tendo como base a obra de Edgar Morin, apresentam o cenário vivido por grande parte da sociedade como tomado por uma *virose*, uma síndrome em ampla expansão epidêmica, seriam estas: as síndromes da Substituição, do Descartável e do Excesso. Segundo os autores, em uma realidade em que “Das embalagens de refrigerantes aos fugazes encontros amorosos, tudo é usado e jogado fora em seguida” (Almeida e Carvalho, 2009 p.43), a compreensão dos reais limites entre o humano e o

inumano emana de um progresso ético que acompanhe o progresso científico vigente, de um progresso dos valores da vida em sua totalidade de expressões.

Diante deste fenômeno, o presente estudo se volta à humanização desse sujeito pós carreira esportiva, e mais especificamente, à análise das políticas de esporte a partir da percepção de ex atletas olímpicos de basquetebol acerca das políticas de esporte no Brasil, do cenário esportivo em geral e da identificação dos reflexos de uma vida dedicada ao esporte de alto rendimento na qualidade de vida desses ex-atletas.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) entende-se qualidade de vida como: *a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações* (The WHOQOL Group, 1995). Desta forma, é ratificada a natureza subjetiva da avaliação, sendo o alvo de estudo, não a natureza objetiva do meio ambiente, estado funcional ou psicológico, mas a percepção do respondente acerca dessas dimensões.

Minayo (2000) em afirmação à relatividade do conceito de Qualidade de Vida aponta três fóruns de referência para análise. O primeiro remete à história, pois o parâmetro de qualidade de vida de determinada sociedade será diferente em detrimento do momento de seu desenvolvimento econômico, social e tecnológico. O segundo é cultural, sendo a forma com que os valores e necessidades são hierarquizados um aspecto importante da cultura de um povo. O terceiro fórum se refere às desigualdades sociais, uma vez que em sociedades nas quais as heterogeneidades não muito fortes o padrão de qualidade de vida é estratificado, estando relacionado ao bem-estar das camadas superiores. Desta forma faz-se importante destacar que não é objetivo do presente estudo classificar ou comparar a qualidade de vida dos entrevistados, mas sua percepção acerca dos reflexos da carreira esportiva e grau de satisfação com sua condição atual, tendo em vista suas expectativas, experiências e valores.

O presente estudo foi realizado com amostra composta pelos ex-atletas de basquetebol, integrantes das Seleções Brasileiras participantes dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996), sendo este grupo

composto por 22 atletas, nascidos entre 04/12/1956 e 18/09/1974 (40 a 58 anos de idade na data de realização da entrevista).

	NOME	APELIDO	OLÍMPIADAS	POSIÇÃO	DATA DE NASC.
1	Antonio Santana	TONICO	1996	PIVÔ	26/07/1972
2	André Luis Guimarães Fonseca	RATTO	1996	ARMADOR	04/03/1969
3	Aristides Josuel dos Santos	JOSUEL	1992 / 1996	PIVÔ	14/07/1970
4	Caio da Silveira	CAIO SILVEIRA	1996	PIVÔ	03/03/1966
5	Caio Eduardo de M. Cazziolato	CAIO	1996	ALA	18/09/1974
6	Carlos Henrique Nascimento	OLÍVIA	1996	ALA/PIVÔ	03/02/1974
7	Demétrius Conrado Ferracciú	FERRACIU	1996	ARMADOR	17/07/1973
8	Gerson Victalino	GERSON	1988 / 1992	PIVÔ	17/09/1959
9	Israel Andrade	ISRAEL	1988 / 1992	PIVÔ	17/01/1960
10	João Viana	PIPOKA	1988 / 1992 / 1996	PIVÔ	15/11/1963
11	Joelcio Joerke	JANJÃO	1996	PIVÔ	24/08/1972
12	Jorge Guerra	GUERRINHA	1988 / 1992	ARMADOR	21/06/1959
13	Luiz Felipe Azevedo	LUIZ FELIPE	1988	ALA	08/10/1964
14	Marcel Ramon P. de Souza	MARCEL	1988 / 1992	ALA	04/12/1956
15	Maury de Souza	MAURY	1988 / 1992	ARMADOR	02/09/1962
16	Oscar Schmidt	OSCAR	1988 / 1992 / 1996	LATERAL	16/02/1958
17	Paulo da Silva	PAULÃO	1988	PIVÔ	13/06/1961
18	Paulo Villas Boas	PAULINHO VILLAS-BOAS	1988 / 1992	ALA	26/01/1963
19	Ricardo Guimarães	CADUM	1988 / 1992	ARMADOR	04/10/1959
20	Rogério Klafke	ROGÉRIO	1996	ALA	24/05/1964
21	Rolando Ferreira	ROLANDO	1988 / 1992	PIVÔ	24/05/1964
22	Wilson Fernando K. Minucci	FERNANDO MINUCCI	1992 / 1996	ALA	14/02/1969

Tabela 2– Relação de atletas representantes do Brasil nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996) na modalidade Basquetebol

Objetivando maior compreensão do cenário esportivo e melhor direcionamento de políticas de esporte, sejam estas capitaneadas por órgãos públicos ou privados, algumas das principais entidades esportivas do mundo desenvolvem programas de suporte e estudos com ex-atletas. Como exemplo pode-se citar o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) que em 1989 desenvolveu um manual destinado a assistir atletas de elite em questões relacionadas ao encerramento da carreira esportiva. Ainda nos EUA, as associações nacionais de jogadores de Futebol e Basquete têm desenvolvido programas semelhantes (OGILVIE; TAYLOR, 1993 apud BARROS, 2008). Outros programas de assistência voltada ao encerramento da carreira esportiva são citados por Alfermann, Lavallo, & Wylleman (1999) na Austrália, Reino Unido, EUA, Canadá e Bélgica. De forma geral estes programas são desenvolvidos pelo Ministério dos Esportes, Comitês Olímpicos Nacionais, Confederações, organizações independentes (Ligas, Fundações) ou por instituições

acadêmicas. No Brasil, iniciativas com esse fim são escassas, fato que ratifica a importância do presente estudo no contexto nacional.

No que no refere à produção científica, pesquisas voltadas à melhor compreensão das consequências da prática esportiva de rendimento em longo prazo são encontradas na literatura internacional, com destaque para os estudos realizados nos Estados Unidos e Europa. Na pesquisa “*Long Term Health Impact of Professional Football in the United Kingdom*”, ex-atletas de futebol americano foram recrutados em cinco “*Former Players Associations (FPA)*” e submetidos ao questionário EuroQol (EQ-5D) para percepção de saúde relacionada à qualidade de vida. A pesquisa contou com 284 participantes e após a análise dos resultados o estudo sugeriu que a carreira em futebol americano pode promover impacto em longo prazo na saúde dos atletas. O desenvolvimento de osteoartrite esteve associado à queda de todos os aspectos relacionados à qualidade de vida (HRQL – *Healthy Related Quality of Life*).

Ainda na mesma modalidade esportiva, em 2008 a *National Football League (NFL)* e sua *Player Care Foundation* com auxílio de pesquisadores da Universidade de Michigan conduziram um significativo estudo com 1063 ex-atletas. A pesquisa realizada foi ampla e organizada em torno dos seguintes tópicos: Características Gerais, Vida na NFL, Trabalho fora da NFL, Relacionamentos com outros – apoio social, Comportamento de Saúde/Risco, Saúde e Incapacidades, Saúde Mental, Seguro e Plano de Saúde e Bem-estar financeiro. Em linhas gerais o estudo concluiu que os ex-atletas encontram em bom estado, satisfeitos com a vida e profundamente conectados em sua vida social. Na maioria das questões inerentes à saúde, a condição dos entrevistados se mostrou similar ou superior que a população em geral, no entanto foram apontados índices muito mais altos de artrite e relatos de dor e problemas de mobilidade.

A partir da breve contextualização realizada, ratificado papel de destaque desempenhado pelo esporte moderno, em particular o esporte de rendimento, arraigado e sempre representado de forma emblemática no curso da

sociedade, merece relevo, para melhor compreensão do tema, a observância de dois aspectos. O primeiro deles, de natureza sociológica, remete à representação social do atleta de alto rendimento, à peculiar “aura” criada em torno dos protagonistas desse *espetáculo* esportivo: atletas, estrelas, heróis. A partir dos expostos no presente capítulo, da sociogênese do esporte à sua espetacularização, obtém-se subsídios importantes para análise do sistema esportivo brasileiro. O segundo aspecto advém relação entre o esporte moderno e a política, sendo importante clarificar a forma como está tem se estabelecido no Brasil, em especial no que tange pilares apontados pela literatura como centrais para o sucesso de políticas esportivas nacionais. A relação entre o esporte e política e aspectos determinantes na constituição de sistemas esportivos nacionais são temática central do próximo capítulo.

2 ESPORTE E POLÍTICA

Quando observadas as transformações sofridas pelos costumes na trajetória da humanidade, para além da simples identificação das mudanças ocorridas em determinado aspecto do comportamento humano é determinante a compreensão das condições que levaram a essa ocorrência, interpretação e criação de significado para essas mudanças. Nesse sentido, na busca por melhor compreensão da evolução do esporte, de sua expressão mais simplista à espetacularização, será destacada neste capítulo a relação estabelecida entre o esporte e interesses políticos estratégicos das instituições sociais e do Estado em diferentes contextos. Pierre Bourdieu, objetivando melhor compreensão do modelo esportivo moderno e sua interface com as demais esferas da sociedade, aponta como primordial o entendimento das condições históricas e sociais que tornaram possível a configuração esportiva, tal qual verificada na atualidade.

Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o "esporte moderno". Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos "esportivos", públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo). (BORDIEU, 1983 p.136)

A história do Esporte se confunde com a história da própria cultura humana. Norbert Elias destaca que, ainda que as estruturas e o significado das atividades variem, nenhuma sociedade humana existiu que não apresentasse algo equivalente ao desporto moderno. Segundo Tubino (2010) as civilizações antigas apresentavam atividades físicas, identificadas como pré desportivas, em suas culturas. Muitas destas possuíam caráter utilitário ou representavam

preparação para a guerra. Sigoli e De Rose Junior (2004) ratificam o exposto quando afirmam que, na antiguidade, o esporte não possuía fim em si mesmo.

Na antiguidade, o Esporte, de forma geral, não tinha uma finalidade em si mesmo. Era sempre um elemento interno de instituições militares, educacionais ou ainda religiosas. As atividades atléticas tiveram seu desenvolvimento a partir de ações utilitárias que visavam simular situações de combate, caça e rituais religiosos (Sigoli e De Rose Junior, 2004 p.112)

Considerada berço da civilização ocidental, na Grécia Antiga as atividades atléticas representavam parte fundamental de sua cultura, devendo a prática ser extensiva a todos os cidadãos como parte do ideário de formação integral do homem. Conforme o ideal grego a boa educação deveria aliar conhecimentos intelectuais aos exercícios físicos. Filósofo grego e fundador da Academia em Atenas, considerada a matriz de todas as academias modernas, Platão, enumera entre os principais bens humanos a saúde, a beleza e o vigor, indicando indispensável para tal a corrida e todos os demais exercícios corporais. A prática esportiva na região possuía também caráter religioso e político, tendo como grande expoente os Jogos Olímpicos Gregos. Nestes, realizados na cidade de Olímpia, próximo ao templo de Zeus, as atividades desportivas dividiam espaço com uma série de cerimônias religiosas. A programação também possuía grande significação política, celebrando a paz entre as *polis*. Em função dos jogos, não só era valorizada a preparação atlética militar, como o ambiente de união entre os cidadãos em torno de um espírito patriótico e da união nacional.

Não obstante à representatividade dos Jogos Olímpicos gregos, repousa sobre a história de Roma, um dos mais emblemáticos exemplos da instrumentalização política do desporto. Em meio à expansão do império, crescimento do contingente populacional e conseqüente demanda social, imperadores romanos encontravam na realização de grandes espetáculos públicos instrumento de alienação política e diminuição das tensões existentes em meio à população. Esta prática, somada à distribuição gratuita de pão e trigo ficou popularmente conhecida como Política do Pão e Circo (*panem et circences*). Diferentemente dos jogos gregos, valorizados como parte integrante da educação plena do cidadão, os Jogos Romanos se destacavam pela violência em lutas entre gladiadores, lutas contra animais e execuções de

criminosos e cristãos (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004). Faz-se importante destacar que a violência não é um termo preciso e que seu sentido tende a sofrer transformações à medida que se alteram o tempo e espaço observados. Desta forma não convém afirmar que a violência presente nos espetáculos romanos os impute menos honra ou prestígio que as práticas gregas, sendo importante apenas destacar, como ratifica Guarinello (2007), que estes representavam não apenas um espaço de diversão, mas de política, religião, cultura e identidade.

Na busca pela melhor compreensão da relação entre o Esporte e o Estado cujo registro, como exposto acima, remete à própria origem da civilização moderna, é importante identificar os fatores que tornam o esporte tão atrativo aos olhares do Estado e características que o tornariam propenso à instrumentalização política. Neste sentido Bracht (1997) aponta cinco características que corroboram com esta apropriação estratégica do esporte por parte do Estado, sendo esta potencializada com o surgimento do esporte espetáculo.

- 1- O esporte é uma atividade de fácil compreensão, composto por um conjunto de regras transparentes e de fácil entendimento. Somado ao elemento de tensão emocional característico do esporte, este é facilmente adaptado para comunicação em massa e atrativo para a indústria do entretenimento. A simplicidade da linguagem torna uma partida de futebol ou de basquetebol, por exemplo, entendida e apreciada em qualquer continente ou país;
- 2- O esporte oferece à população a possibilidade de identificação e união da nação em torno de um espírito de patriotismo;
- 3- O esporte cria um ambiente favorável à abstração da realidade e alienação. O envolvimento com jogo permite aos atletas e espectadores o transbordamento de tensões e o redirecionamento do foco das aflições e descontentamentos da vida cotidiana;
- 4- Por meio da apropriação da imagem de atletas e seus resultados esportivos, nações conquistam prestígio. O êxito esportivo pressupõe

dedicação, planejamento, treinamento árduo, superação, características valiosas para um Estado, sistema político ou nação que se apresente como capaz de resolver seus problemas de maneira eficiente

- 5- Ao esporte é conferida certa neutralidade, na medida em que este apenas seria capaz de reproduzir as características da sociedade na qual está inserido. O esporte, ao contrário de certas manifestações artísticas, por exemplo, não carrega em si uma linguagem de criação de significados, não compondo sua essência a defesa de determinada visão de mundo, a criação de algo novo ou revolucionário. Desta forma é permitido que o direcionamento político seja determinado de maneira externa.

As características enumeradas por Bracht ratificam a importância estratégica do esporte como instrumento facilitador para fins políticos e ideológicos. Se tornam claras, por exemplo as razões pelas quais, mesmo durante o período em que o Brasil esteve submetido a um regime militar-autoritário, no qual diversas manifestações culturais eram censuradas, o esporte foi largamente incentivado. Ora, se esporte não inspira a criação de significados ou defesa de determinada visão de mundo, ao mesmo tempo em que possibilita a união da nação em torno de um espírito de patriotismo. Se o esporte favorece o transbordamento controlado de tensões e a alienação da população e o redirecionamento do foco dos descontentamentos. Se por meio da apropriação da imagem dos atletas e resultados esportivos o Estado conquista prestígio e uma imagem que, para o público interno e externo, remete à eficiência, planejamento, coragem, superação, saúde, o esporte parece o aliado perfeito em certos períodos marcados pela repressão aos movimentos sociais e manifestações de oposição e instabilidade político-administrativa. Kinzo (1988) destaca que, não obstante às medidas autoritárias que marcaram o regime militar no Brasil, era necessário preservar a imagem brasileira internacionalmente.

Num país da periferia do mundo capitalista liberal, a implantação de uma ditadura declarada após a deposição de um governo constitucional não seria facilmente aceitável pela

opinião pública internacional, especialmente quando se toma a defesa da democracia como causa principal da intervenção, como foi o caso do movimento de 1964. (KINZO, 1988 p.17)

Como já citado anteriormente, no século XX o esporte sofreu mudanças significativas, principalmente no que tange sua organização e divulgação. Proni (1998) destaca dois movimentos que, neste período, tiveram influência direta sob a organização esportiva, são estas: a transformação das estruturas sociais e econômicas e a crescente mercantilização cultural. Tais transformações começaram a ocorrer de forma mais significativa no período após a II Guerra Mundial, atingindo seu ápice no final da Guerra Fria (MARQUEZ; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Nesse período os investimentos estatais no esporte tiveram grande aumento, capitaneado principalmente pelos Estados Unidos e União Soviética

Vale ressaltar que para que o uso ideário-político do esporte atingisse seu objetivo e ultrapassasse os limites geográficos e culturais era necessário massificar sua divulgação. Nesse processo de espetacularização esportiva, caracterizada principalmente e pela cobertura em larga escala realizada pela mídia tem destaque a popularização dos aparelhos de televisão e início das transmissões de eventos esportivos ao vivo. A partir deste marco modificou-se a audiência do esporte em todo o mundo, fato que, somado ao montante de recursos injetado pelas emissoras de televisão e patrocinadores, foi determinante para o incremento do profissionalismo e da instrumentalidade política do esporte.

Em 1937 a BBC inglesa televisionou o torneio de tênis de Wimbledon, e em 1940 uma partida de beisebol foi transmitida nos EUA. A partir daí, uma série de transmissões esportivas isoladas e dirigidas a um público restrito foram realizadas na Europa e EUA. Os Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, foram os primeiros a serem transmitidos ao vivo, pela BBC, para alguns poucos e privilegiados ingleses. Na década de 50, os eventos esportivos tornaram-se parte da programação regular das redes de TV. Em julho de 1962, na inauguração do sistema de satélites norte-americano foram transmitidos ao vivo, para a Europa, trechos de uma partida de beisebol em Chicago. (BETTI, M 1998 p.34-35).

Aproximando a discussão da contemporaneidade, os grandes eventos esportivos, especialmente a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos assumem tamanha dimensão, envolvendo uma gama de interesses públicos e privados, movimentação financeira, impacto social e audiência global, de forma não observada em nenhum outro evento no planeta (TAVARES, 2012). Horne (2009) aponta 3 fatores centrais pelas quais os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo assumiram, principalmente a partir da década de 1990, o status de *megaeventos*. Primeiramente destacam-se os avanços em tecnologias para comunicação em massa, especialmente o desenvolvimento das transmissões via satélite. Estas permitiram um crescimento de grande magnitude na movimentação financeira em torno dos chamados megaeventos esportivos. A partir desse cenário foi firmada uma aliança envolvendo as áreas de mídia e patrocínios entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), sendo esta apontada pelo autor como o segundo fator. Por fim, o terceiro fator apontado foi o reconhecimento de grande oportunidade promocional para cidades e regiões a partir da realização dos megaeventos em seu território.

Ao tratarmos especificamente da relação do esporte com a política brasileira, contemporânea nos deparamos com um cenário sem precedentes. Um ciclo de grandes eventos esportivos que se iniciou em 2007 com a realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, seguido pelos Jogos Mundiais Militares em 2011, Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo de Futebol em 2014 culminando com a realização dos Jogos Olímpicos de Verão em 2016. Imersa nesse histórico ciclo, a nação observa com um misto de admiração e espanto a movimentação em torno dos jogos. De um lado o discurso triunfante em torno da realização de grandes eventos esportivos em seu território como *prova* do caráter de potência mundial emergente do Brasil (TAVARES, 2011) ou, como já apresentado anteriormente, a apropriação do prestígio do esporte de alto rendimento por parte do governo com o objetivo da construção de uma imagem de planejamento e eficiência na gestão pública e privada. Por outro lado observa-se com espanto o volume de recursos investidos, suspeitas de desvios no direcionamento financeiro, atraso nas entregas das instalações esportivas e obras de infraestrutura.

De fato, os números divulgados pelo governo brasileiro e amplamente noticiados pela mídia são grandiosos. Considerando apenas a Copa do Mundo de 2014, noticiada pela imprensa internacional como a mais cara de todos os tempos, recebeu investimento público superior a 25 bilhões de reais (TRENGROUSE, 2014). Naturalmente, muitos autores têm se ocupado da discussão em torno da pertinência da realização de eventos desta magnitude e que demandam tamanho investimento público no Brasil e de qual seria, efetivamente, o legado destes megaeventos esportivos para a população brasileira.

Ainda que a análise da pertinência e legado do ciclo de grandes eventos esportivos em curso no Brasil não seja alvo do presente estudo, contribui para a compreensão da sociedade a noção de que a profunda interação entre o Esporte e a Política remonta ao berço da civilização ocidental. Os fatores que contribuem para a instrumentalização do esporte e os objetivos que a permeavam no contexto de civilizações primitivas ainda são observáveis na atualidade e potencializados a partir da espetacularização das práticas esportivas. A abordagem do tema se faz especialmente atual e pertinente, uma vez que nunca na história do Brasil o esporte teve papel de tamanho destaque na política nacional, sendo esta interação alvo de atenção da mídia nacional e internacional.

2.1 Políticas Públicas

Estudos acerca de Políticas Públicas são relativamente recentes, sendo que o surgimento do termo, enquanto subcampo das Ciências Políticas se consolida na década de 1960 (LIMA, 2012). Desta forma, especialmente no Brasil, ainda existem muitas divergências conceituais e ainda que, segundo Secchi (2010), a inexistência de consenso sobre questionamentos básicos torne qualquer definição de política pública arbitrária, algumas pontuações sobre o tema se fazem necessárias.

O primeiro ponto de divergências remete à própria língua portuguesa que, assim como em outras línguas latinas, confere conotações distintas ao termo

“política”. Essa diferenciação é realizada, por exemplo, na língua inglesa com a utilização dos termos *polity* (para a estrutura institucional do sistema político), *politics* (para a prática e teoria de influenciar outras pessoas em um nível cívico ou indivíduo) e *policy* (princípio ou um protocolo para orientar as decisões e alcançar resultados racionais) ao qual está vinculado o conceito de política pública (*public policy*) (LIMA, 2012). Mezzadri (2011) destaca que as relações entre o tripé *polity*, *policy* e *politics* constituem elementos da *policy analysis*.

Outro ponto central para a compreensão do tema, e que é alvo de diferentes interpretações, remete ao protagonismo da ação. Segundo Secchi (2010 p.2) “alguns atores e pesquisadores defendem a abordagem estatista, enquanto outros defendem abordagens multicêntricas no que se refere ao protagonismo no estabelecimento de políticas públicas”.

Em uma abordagem estatista é enfatizada a dimensão pública da política e seu caráter imperativo. Desta forma, para Rua (2009) políticas públicas compreendem o conjunto das decisões e ações relativas à alocação imperativa de valores envolvendo bens públicos. Ações privadas, ainda que de interesse público não se confundem com atividade política e com política pública.

Já a dimensão “pública” de uma política é dada não pelo tamanho do agregado social (grandes ou pequenos grupos) qual ela incide, mas pelo seu caráter jurídico “imperativo”. Isto significa que uma das suas características centrais é o fato de que são decisões e ações revestidas do poder extroverso e da autoridade soberana do poder público. (Rua 2009 p.20-21)

Em uma abordagem multicêntrica são consideradas como políticas públicas, além das ações estatais já citadas, políticas privadas de interesse público, que tenham o objetivo de enfrentar um problema da sociedade. A essência conceitual de política pública, não obstante o ator protagonista da ação é a natureza pública do problema e o objetivo de solução por meio de programas e ações.

Para compreensão e análise do sistema esportivo nacional, tal qual vantagens e limitações no protagonismo das ações e políticas de esporte, faz-se oportuno uma breve apresentação de características da política esportiva em diferentes

países e contextos. A identificação de estratégias para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento em países com expressividade de resultados no cenário esportivo internacional e busca por fundamentação de análise futura das políticas de esporte no Brasil serão objeto da próxima sessão.

2.2 *Sistemas Esportivos Internacionais*

Em busca de melhor compreensão das medidas e condições políticas que criariam ambiente propício para que um país se destaque no cenário esportivo internacional, alguns estudos têm realizado apontamentos extremamente relevantes, principalmente com a identificação de consensos e pilares que fundamentam a obtenção de resultados esportivos expressivos.

Green e Oakley (2001), ao estudarem países, ainda que em diferentes estágios e modelos de organização, verificaram consenso nas estratégias traçadas para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Seriam estas:

- a) Entendimento claro sobre o papel de cada agente envolvido e uma rede de comunicação eficiente na rede que mantém o sistema esportivo;
- b) Sistema administrativo simplificado na relação entre esporte e política;
- c) Sistema eficiente para o monitoramento e identificação estatística do progresso de atletas talentosos e de elite;
- d) Serviços esportivos que promovam a interação entre todos os envolvidos de uma equipe (atletas, técnicos, *managers*, cientistas e médicos) de maneira formal e informal;
- e) Programas competitivos bem estruturados com intercâmbio internacional;
- f) Infraestruturas e instalações esportivas específicas às modalidades e bem desenvolvidas com prioridade de acesso aos atletas de elite;
- g) Captação de recursos para um número pequeno de modalidades, identificando aquelas que obtiverem chances reais de sucesso a nível internacional;
- h) Planejamento adequado às necessidades das modalidades;
- i) Reconhecimento dos custos para o alto nível, com financiamento para instalações e profissionais;

- j) Apoio à vida social e profissional do atleta e programas de preparação para a vida do atleta após o esporte.

Nota-se uma série de tópicos, apontados como centrais para o sistema esportivo nacional, os quais atletas de alto rendimento podem oferecer informações muito relevantes para análise da realidade brasileira. Atletas de alta performance são diretamente impactados seja pela eficiência da rede de comunicação e interação no desporte (a, d), identificação de talentos, monitoramento de resultados e suporte ao atleta de elite (c, j), estruturação de programas competitivos, intercâmbios, instalações esportivas (e, f) ou pelo planejamento e direcionamento dos recursos (g, h, i). É, desta forma, ratificada a relevância do presente artigo, no intento de incluir a ótica de ex-atletas olímpicos na análise das políticas de esporte e do sistema esportivo brasileiro, de forma geral.

Em 2002 é iniciado, sob coordenação de Veerle De Bosscher um importante projeto de pesquisa com finalidade de gerar conhecimento voltado à identificação e otimização das estratégias que conduziriam ao sucesso esportivo internacional. Em 2006, a partir deste projeto, foi apresentado um estudo comparativo de 6 nações intitulado “SPLISS” (Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success). Em 2010 um novo estudo foi publicado, desta vez envolvendo 16 países. No SPLISS foram identificados 9 fatores da política esportiva nacional, os quais seriam os pilares para uma política de esportes efetiva e orientada para o sucesso internacional, são estes:

- 1) Suporte Financeiro
- 2) Organização e Estruturação de Políticas de Esporte
- 3) Participação e Esporte de Base
- 4) Identificação de Talentos e Sistema de Desenvolvimento
- 5) Suporte para Atletas e Pós Carreira
- 6) Instalações Esportivas
- 7) Desenvolvimento e Suporte para Técnicos
- 8) Competições Nacionais e internacionais
- 9) Pesquisa Científica

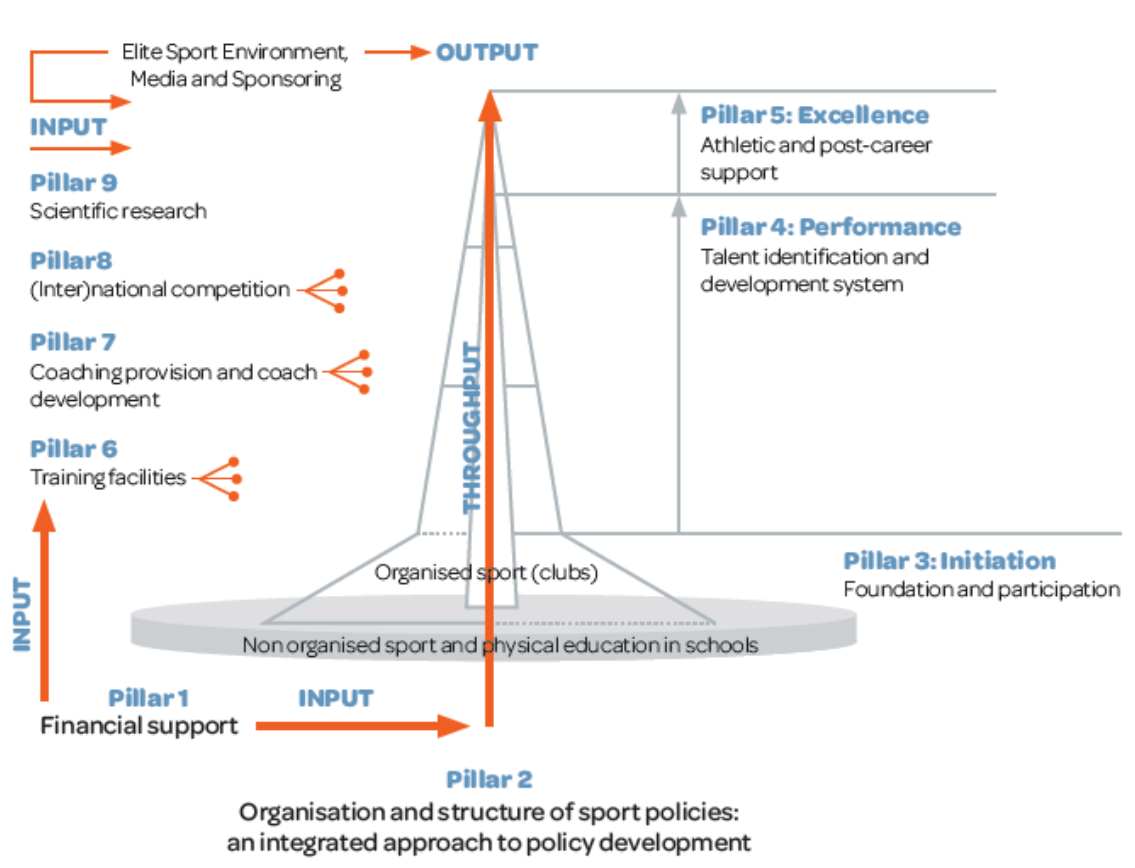


Figura 1 - Modelo Analítico SPLISS (De Bosscher, 2006)

Desde 2009 os Grupos de Estudo e Pesquisa em Esporte e Treinamento infanto-juvenil (GEPETIJ) e em Gestão do Esporte (GEPAE) da Universidade de São Paulo (USP) desenvolvem trabalho em conjunto com o consórcio SPLISS, contribuindo para a formulação e refinamento de modelo teórico de análise de políticas de esporte por meio da inserção de dados relativos ao cenário esportivo brasileiro. Ainda como fruto desta parceria, foi realizado o projeto de pesquisa “*Competitiveness of Nations In Elite Sport – na International Comparison of Elite Sport Policies and Climate (2011-2012)*” que, fundamentada no modelo SPLISS, contou com a colaboração de 17 países. Os objetivos deste projeto de pesquisa são:

- 1- Aumentar a eficácia das políticas voltadas ao esporte de rendimento em diferentes nações e o nível esportivo de forma global, envolvendo atletas, treinadores e dirigentes;
- 2- Informar os agentes políticos e pesquisadores acerca da evolução da política internacional em um ambiente cada vez mais competitivo,

permitindo que as nações participantes se referenciem na competição contra os demais rivais.

- 3- Desenvolver instrumentos que podem ser utilizados pelos desenvolvedores de políticas para avaliar a eficácia das políticas esportivas de rendimento e refinar um modelo teórico para fatores da política esportiva que conduzem ao sucesso esportivo internacional, além de melhorar a abordagem metodológica para o estabelecimento de comparações internacionais.
- 4- Desenvolver um ranking internacional para políticas esportivas em rendimento, de modo que nações possam avaliar-se mediante a um conjunto bem definido de critérios considerados fatores-chave para o sucesso esportivo internacional. (De Bosscher et al. [2012?])

Outra questão central de discussão é a de qual deva ser o efetivo papel do Estado na organização e gerenciamento dessas ações, ou como definir critérios para distinguir qual intervenção do Estado na esfera esportiva é legítima e qual não é.

A organização esportiva e a participação do Estado são apontadas na literatura internacional como elemento significativo para políticas de esporte de rendimento, considerando que esta participação se manifesta por meio do financiamento, elaboração e consolidação de leis, controle político e oferta de benefícios, conforme citado por Ferreira (2007).

Consideramos que a participação do Estado se manifesta através de três características fundamentais: 1) a existência de leis que reconhecem o esporte de alto rendimento como sendo interesse do estado; 2) a garantia de seu financiamento através de leis de incentivo, de mecenato, e impostos; 3) o controle político que a) promove a cooperação entre os diversos órgãos esportivos, seja a nível nacional, estadual e municipal; b) que regulamenta a criação e manutenção de infraestruturas esportivas; 4) a oferta de benefícios aos atletas que garantem os meios necessários para seu aperfeiçoamento. (FERREIRA, 2007 p.3)

Neste sentido, característica, identificada na literatura internacional como determinante para um modelo esportivo de sucesso, será abaixo brevemente exemplificada a participação governamental em seis países de comprovada

representatividade esportiva internacional (China, Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, Alemanha), todos contidos entre as dez melhores colocações no quadro de medalhas das Olimpíadas de Londres, realizada em 2012. Esta tem como referência os estudos realizados por Ferreira (2007), DeBosscher (2009) e Green e Oakley (2001), e visa a apresentação do posicionamento do Estado frente às organizações esportivas nacionais, seja este conservador, conferindo ao governo papel ativo, centralizador ou liberal radicais (neoliberais) em que a atuação do governo é reduzida ao mínimo.

Na China, país detentor do maior número de medalhas na edição olímpica de Londres, devido ao caráter político socialista, a gestão esportiva do país é centralizada em um único órgão governamental, a “Administração Geral do Esporte”. O alto investimento e benefícios concedidos aos atletas de alto rendimento pelo governo chinês atribuem grande prestígio ao esporte, gerando atrativos e elevando o país à liderança do quadro de medalhas em 2012.

Nos Estados Unidos, o Governo Federal pouco interfere na condução do sistema esportivo nacional, cabendo a cada estado o direcionamento das ações públicas nessa área. De forma geral, o investimento público é direcionado à programas esportivos escolares e construção de parques recreativos, sendo o mercado (setor privado) e a imprensa, influência determinante para o direcionamento e desenvolvimento de atletas de elite.

Já a Rússia, terceira colocada no quadro de medalhas, retoma um sistema semelhante ao Chinês, herança da antiga URSS, porém o país vem sofrendo uma série de transformações, sendo possível identificar intervenção de organizações não governamentais no financiamento e organização esportiva. Participam deste processo o Comitê Olímpico Russo, Ministério de Educação Física, Desporto e Turismo, associações esportivas dos sindicatos além de outras organizações como a polícia e as forças armadas.

No Reino Unido encontra-se um modelo em transformação e muito próprio de gerenciar o esporte de alto rendimento. Apresentando grande crescimento em representatividade internacional (13º colocado na edição olímpica de Barcelona

1992 para 3º colocado em Londres 2012), confia a gestão esportiva a quatro conselhos nacionais (Inglaterra, Escócia, País de Gales, e Irlanda do Norte), todos vinculados à Confederação de Desporto Britânico. No Reino Unido, atribui-se a melhora de resultados à modernização das estruturas de treinamento por parte do governo e unificação das instituições educacionais e política esportiva nacional.

Na Alemanha o governo responde pela macro organização do modelo desportivo. Ainda que a organização global fique a cargo do governo, o controle político é descentralizado e conta com uma forte estrutura federativa em seus 16 estados. País com grande tradição na prática esportiva de rendimento, possui participação ativa do sistema educacional, Forças Armadas e Polícia Federal na formação de atletas de elite

Não obstante às particularidades inerentes à história, cultura e economia de cada país, nota-se que, em quatro países, o Estado tem atuação determinante na estruturação esportiva, seja na formatação de leis que ratificam o interesse do governo no desenvolvimento esportivo, financiamento e controle político (China, Rússia, Reino Unido e Alemanha). Nos Estados Unidos o esporte, ainda que direcionado pelo mercado e pela mídia, conta com grande aporte de investimento e se mantém enquanto referência na conquista de resultados esportivos e espetacularização da prática desportiva.

Desta forma, nota-se tamanha heterogeneidade no direcionamento esportivo entre as principais potências esportivas mundiais que, conclui-se não ser uma atuação mais conservadora ou liberal do Estado fator determinante, ou ao menos limitador para representatividade esportiva internacional. Ver-se-á então no capítulo seguinte o contexto da organização esportiva no Governo Brasileiro frente às grandes potências mundiais.

2.3 Políticas Públicas de Esporte no Brasil

O desafio central do governo no direcionamento de suas ações e políticas públicas é oportunizar a participação da sociedade na concretização dos

direitos humanos coletivos ou dos direitos sociais garantidos em Lei. Desta forma, são os direitos sociais definidos no artigo 6º da Constituição Federal de 1988, que estabelece: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados...”. Diante deste fragmento, cabe retomar Salles (1994) e a ideia da cidadania concedida que permeia a constituição histórica brasileira.

Ainda de acordo com o Ministério dos Esportes, o esporte e lazer se constituem enquanto direitos sociais, fundamentados em um tripé composto pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (art. 6º e 217º - § 3º); Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 4º e Lei 10.257 de 10 de julho de 2001 - Estatuto da Cidade, seguindo os princípios:

- Que valorizem a participação da população;
- Ocupação planejada e organizada dos espaços e equipamentos;
- Em consonância com atitudes de cooperação, participação e ludicidade;
- Esporte e lazer como fenômenos sociais vão além da concepção de prática de atividade física em tempo disponível;
- Acessível a todas as faixas etárias;
- Para todos.

Quanto às manifestações esportivas, o Esporte se apresenta em diferentes conceitos e finalidades como, atualmente, pode-se verificar na Lei no 9.981, de 14 de julho de 2000: Capítulo III - Da Natureza e das Finalidades do Desporto:

Art. 3º O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - Desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - Desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na

plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - Desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

No presente estudo, a análise será voltada apenas para ações e programas direcionados à terceira manifestação esportiva apresentada: o desporto de rendimento.

O Ministério do Esporte, enquanto esfera Federal da gestão pública do desporto é subdividida em três secretarias técnicas, de acordo com a manifestação esportiva a ser desenvolvida, a saber: Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR). Esta última, alvo direto do presente estudo, é responsável pela implantação e direcionamento dos programas de alto rendimento, competindo a esta:

- I. Fazer proposições sobre assuntos da sua área para compor o Plano Nacional de Esporte;
- II. Implantar as decisões relativas ao Plano Nacional do Esporte e aos programas de desenvolvimento do esporte de alto rendimento;
- III. Realizar estudos, planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento do esporte e a execução das ações de promoção de eventos;
- IV. Zelar pelo cumprimento da legislação esportiva, relativa a sua área de atuação;
- V. Prestar cooperação técnica e assistência financeira supletiva a outros órgãos da Administração Pública federal, aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios e às entidades não-governamentais sem fins lucrativos, em empreendimentos ligados ao esporte de alto rendimento;
- VI. Manter intercâmbio com organismos públicos e privados, nacionais, internacionais e governos estrangeiros, em prol do desenvolvimento do esporte de alto rendimento;
- VII. Articular-se com os demais segmentos da Administração Pública federal, tendo em vista a execução de ações integradas nas áreas do esporte de alto rendimento;

- VIII. Prestar apoio técnico e administrativo ao CNE²;
- IX. Coordenar, formular e implementar a política relativa aos esportes voltados para competição, desenvolvendo gestões de planejamento, avaliação e controle de programas, projetos e ações; (Ministério do Esporte, 2015)³

Observando de forma particular a política voltada para o esporte no Brasil, a dificuldade de estudo se potencializa, haja vista, por exemplo que a criação do Ministério do Esporte se dá apenas no ano de 2003. Desta forma, pode-se afirmar, em consonância com Ferreira (2007), que a política de esportes no Brasil se encontra em fase de desenvolvimento, sendo observada crescente preocupação do Governo na ampliação de sua atuação na organização esportiva.

Nesse contexto, a valorização do esporte de alto rendimento se apresenta como peça central para a efetivação de uma política esportiva eficiente.

A criação de uma política esportiva eficiente e abrangente resulta, sobretudo do reconhecimento do esporte de alto rendimento como preocupação nacional. A grande maioria dos países que obtiveram grandes êxitos nas principais competições internacionais, como Olimpíadas e Campeonatos do Mundo, desenvolveram seus sistemas esportivos sobre esta perspectiva. A participação do estado nestes países é bastante atuante, que se estende desde o processo que envolve a detecção, seleção e promoção de talentos esportivos (DSPTE) até o encerramento da carreira dos atletas de alto nível e sua integração na sociedade. Podemos relacionar cinco elementos fundamentais presentes nos sistemas esportivos nacionais. São eles: (1) a organização esportiva e a participação do estado, (2) a participação da ciência do esporte, (3) a participação do sistema educacional, (4) o sistema de apoios públicos e privados, e (5) as infraestruturas e recursos materiais disponíveis. (FERREIRA, 2007)

Dentre os programas propostos pelo Governo Federal, como artifícios de fomento ao esporte e suporte ao atleta de alto rendimento podem ser destacados a Lei de Incentivo ao Esporte, o Bolsa Atleta, Rede Cenesp, Centro de iniciação ao Esporte (CIE), Plano Brasil Medalhas, Rede Nacional de Treinamento os quais serão brevemente apresentados a seguir:

² Conselho Nacional de Esportes

³<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/missao>

Lei de Incentivo ao Esporte (LIE): Sancionada em 2006 a LIE é apresentada pelo Governo Federal como importante instrumento para o setor esportivo. Em linhas gerais, esta permite que patrocínios e doações para projetos esportivos sejam descontados do imposto de renda devido. Na lei é previsto que empresas que declaram imposto de renda com base de cálculo pelo lucro real, apliquem até 1% do imposto devido em projetos esportivos e para pessoa física o percentual investido pode chegar a 6%. Além da manifestação esportiva de rendimento podem ser cancelados pelo Ministério do Esporte para captação de recursos via LIE projetos participativos e educacionais.

Outro programa altamente divulgado e reconhecido é o Bolsa Atleta. Implantado em 2005, o programa garante o repasse de recurso financeiro para atletas com resultados esportivos comprovados, visando garantir condições mínimas para que se dediquem aos treinamentos e competições. Atualmente o Bolsa Atleta federal é composto por cinco categorias, sendo elas: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paraolímpico. Ainda para os atletas com chances reais de medalhas nos Jogos Olímpicos Rio 2016 o suporte financeiro é garantido pelo Atleta Pódio. A iniciativa federal inspirou implementação de programas semelhantes também por alguns governos estaduais e prefeituras municipais,

A Rede CENESP, segundo o Ministério dos Esportes, é composta por centros de desenvolvimento de pesquisa científica e tecnológica na área do esporte, treinamento e aperfeiçoamento de atletas. Os núcleos CENESP são formados pelas estruturas físicas, administrativas, recursos humanos e materiais existentes em Instituições de Ensino Superior. Na presente data integram a rede as instituições:

1. Escola Superior de Educação Física de Pernambuco/UPE
2. Universidade Estadual de Santa Catarina/ UDESC
3. Universidade Estadual de Londrina/ UEL
4. Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG
5. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS

6. Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM
7. Universidade de Brasília/ UnB
8. Universidade Federal de São Paulo/ Unifesp (Escola Paulista de Medicina)
9. Universidade Estadual de São Paulo/USP⁴

Com o objetivo de incentivar a iniciação esportiva, especialmente em áreas de vulnerabilidade social, o M.E. desenvolveu a concepção dos Centros de Iniciação Esportiva (CIE). O projeto contempla em treze modalidades olímpicas (Atletismo, Basquetebol, Boxe, Handebol, Judô, Lutas, Tênis de Mesa, Taekwondo, Voleibol, Esgrima, Ginástica Rítmica, Badminton, Levantamento de Peso), seis paraolímpicas (Esgrima em cadeira de rodas, Judô, Halterofilismo, Tênis de Mesa, Voleibol sentado, Goalball) e uma modalidade não olímpica (Futsal). Está prevista a contratação de 285 CIEs em 263 municípios distribuídos em todas as 27 unidades da Federação. O projeto contempla a disponibilização de infraestrutura e equipamento esportivo qualificado enquanto ao município cabe a disponibilização do terreno e a gestão e manutenção do CIE.

O projeto prevê que os centros de iniciação integrem a Rede Nacional de Treinamento, programa estruturado pelo governo federal em parceria com estados e municípios com o objetivo de identificar e desenvolver atletas nas modalidades olímpicas e paraolímpicas. A rede é coordenada pelo M.E. em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) com foco na disseminação de metodologia científica de treinamento, capacitação profissional, viabilização e modernização de equipamentos esportivos. Compõe atualmente a Rede Nacional de Treinamento:

- Complexo Esportivo de Deodoro - Rio de Janeiro

⁴<http://www2.esporte.gov.br/snear/cenesp/>

- Centro Pan-Americano de Judô (CPJ) - Bahia
- Parque Poliesportivo do Campus Central da UFRN - Natal
- Centro de Formação Olímpica do Nordeste - Fortaleza
- Centro Paraolímpico Brasileiro - São Paulo
- Pista de atletismo do Núcleo de Esporte da UFMA - Maranhão
- Estruturas de treinamento para atletismo e badminton no Departamento de Educação Física da UFPI - Piauí
- Arena Caixa - Centro de Treinamento de Atletismo Prof. Oswaldo Terra em São Bernardo do Campo - São Paulo
- Centro Olímpico do Espírito Santo - Vitória^{5 6}

A partir dos expostos, nota-se que diversos programas têm surgido a partir do poder público brasileiro em sua esfera federal, com o intuito de oferecer controle e suporte ao desenvolvimento do esporte de alto rendimento, sendo ratificado também o distanciando brasileiro de uma estruturação estatal mínima. Desta forma, se faz importante o aprofundamento da análise e reflexão acerca do sistema esportivo nacional e sua eficiência na promoção de resultados esportivos.

⁵<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/rede-nacional-de-treinamento>

⁶<http://www.coes.es.gov.br/>

3 POLÍTICA, ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E QUALIDADE DE VIDA

Após ser apresentada no trabalho a contextualização histórica do esporte moderno, desde a sociogênese à sua espetacularização, aspectos relacionados à representação social do atleta de alto rendimento, além da íntima relação entre essa manifestação esportiva e a política, o presente capítulo tem como objetivo identificar e analisar possíveis reflexos da carreira esportiva profissional na qualidade de vida de ex-atletas participantes deste sistema esportivo de alto rendimento. Para tal foram colhidos depoimentos de ex-atletas profissionais de basquetebol, integrantes das seleções brasileiras masculinas participantes dos jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996). As características do grupo entrevistado serão descritas de forma mais aprofundada à frente.

Com o objetivo de orientar as entrevistas e obter dos ex-atletas olímpicos subsídios necessários para a análise pretendida, foi desenvolvido um roteiro de entrevistas composto de quinze questões⁷, organizadas em quatro categorias, conforme descrito a seguir:

1. Carreira Esportiva

Nesta sessão o atleta narra sua trajetória no esporte, desde o início da carreira, tempo de atuação profissional, atuação junto à seleção nacional. Também tem destaque nesta sessão a identificação do suporte o qual este atleta teve acesso durante sua carreira, tanto os serviços diretamente ligados à prática esportiva (preparação física, fisioterapia, nutrição, medicina do esporte, psicologia, fisiologia) quanto o suporte transversal (assessorias de imprensa, jurídica, financeira, suporte educacional ou para a transição de carreira)

2. Pós Carreira

Identificação da forma como se deu o encerramento da carreira esportiva e a transição profissional para cada atleta e como esta impactou em diferentes esferas de suas vidas (fisicamente,

⁷A íntegra do roteiro de entrevistas encontra-se no ANEXO.

psicologicamente, financeiramente, etc.). Nesta sessão é aberto espaço também para que o atleta exponha sua percepção acerca da transição profissional dos demais atletas de sua geração, de forma geral.

3. Ocupação e Escolaridade

Questões dedicadas à identificação do nível de escolaridade e ocupação profissional. Importante a identificação da forma com que a formação escolar/acadêmica do atleta ocorreu, se foi possível a conciliação dos estudos com a carreira esportiva e se, encerrada a carreira profissional, este sujeito faz uso da experiência adquirida ao longo de sua trajetória esportiva em sua ocupação atual.

4. Política de Esporte no Brasil

Por fim, neste bloco pretende-se dar luz à percepção deste atleta, o qual já esteve exposto ao bônus e ao ônus da carreira esportiva, acerca da política esportiva nacional, mais especificamente alguns aspectos apontados pela literatura internacional como primordiais para obtenção de sucesso internacional. São estes: a integração das ações e políticas entre os órgãos gestores; detecção e promoção de talentos esportivos; a infraestrutura para a prática esportiva e o suporte ao atleta.

3.1 Caracterização Da Amostra

O grupo de ex-atletas participantes dos Jogos Olímpicos de 1988, 1992 e 1996 é composto por 22 indivíduos, os quais apresentavam, no mês da entrevista, idade compreendida entre 40 e 58 anos, com média de 49,18 anos. Deste total, foi possível contato com 18 atletas, dentre os quais todos aceitaram participar da presente pesquisa. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou por contato telefônico, sempre contando, além de anotações do entrevistador, com a gravação em áudio da íntegra da entrevista para consulta e análise posterior. As entrevistas realizadas resultaram em 533,43 minutos em gravações de áudio

É importante ratificar que, ainda que para efeitos dessa pesquisa, o critério determinante para inserção do indivíduo na amostra de entrevistados seja sua participação em Jogos Olímpicos (após 1996 o basquetebol masculino brasileiro só voltaria se classificar para a competição em 2012), a participação em cada edição se deu de forma muito particular.

A origem dos Jogos Olímpicos remonta a Grécia Antiga, mais precisamente em 884 a.C, com a assinatura de um tratado de paz entre as cidades-estados de Esparta, Elis e Pisa. Como parte desse tratado e celebração da paz foi proposta a realização dos Jogos em Olímpia, nos arredores do templo de Zeus. Desta forma, os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga foram realizados por doze séculos, sendo o evento responsável pela grande difusão cultural e religiosa.

Na Era Moderna o projeto de restauração dos Jogos Olímpicos em moldes semelhantes ao da Grécia Helênica foi apresentado em 25 de novembro de 1892 pelo Barão Pierre de Coubertin quando paraninfo do 5º Aniversário da União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético (RUBIO, 2010). A realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, já sob direção do Comitê Olímpico Internacional, se concretizaria em Atenas (1896), sendo as edições de Seul, Barcelona e Atlanta a XXIV, XXV e XXVI edições, sucessivamente. A participação das seleções brasileiras de basquetebol masculino nas edições citadas será apresentada a seguir.

Em Seul 1988, a equipe chegava à competição um ano após a histórica conquista dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis. Essa conquista se caracterizou como um marco para o basquetebol mundial, sendo a primeira vez na história que a seleção norte americana masculina de basquete perdeu uma partida nos disputada nos Estados Unidos, a primeira vez que foi derrotada em finais de campeonato e a primeira vez que um adversário anotara mais de cem pontos jogando nos EUA.



Figura 2 - Seleção Brasileira campeã Pan Americana em Indianápolis 1987

Desta forma, a Seleção Brasileira chega aos Jogos Olímpicos em 1988 como a grande “sensação” do basquetebol mundial. Outro fator que tornou essa edição dos jogos emblemática e ainda mais competitiva foi o fato de que, após 3 edições com grandes boicotes aos jogos, em Seul finalmente se viu o enfrentamento direto das grandes potências mundiais: Estados Unidos, União Soviética e Alemanha Ocidental. Na competição o Brasil, derrotado pela União Soviética nas quartas de final, encerrou a competição na quinta colocação com uma campanha composta por cinco vitórias (Canadá, China, Egito, Porto Rico e novamente contra o Canadá na disputa de quinto lugar) e três derrotas (Estados Unidos, Espanha e União Soviética). A seleção brasileira de 1988, reconhecida pelo grande potencial e volume ofensivo, se confirmaria como tal, encerrando com incrível média de 113,1 pontos por partida.



Figura 3 Seleção Brasileira Masculina de Basquete nas Olimpíadas de Seul 1988 - Paulinho, Luiz Felipe, Guerrinha, Oscar, Maury, Cadum, Gerson, Paulo, Pipoka, Rolando, Israel e Marcel

Para os Jogos de Barcelona, 1992, o Brasil ainda contava com a mesma base de 1988 (apenas dois atletas da seleção que disputou os jogos de 1992 não estiverem em Seul 1988). Esta edição dos jogos seria marcada pela presença de grandes astros do basquetebol norte-americano como *Michael Jordan*, *Magic Johnson* e *Larry Bird*, formando a equipe que ficaria conhecida como *Dream Team*. Teve grande influência para a formação dessa histórica seleção norte americana as derrotas sofridas para o Brasil no Pan Americano de Indianápolis 1987 e União Soviética nos Jogos Olímpicos de Seul 1988. O *Dream Time* americano conquistou a medalha de ouro em 1992 com uma campanha invicta, vencendo todas as partidas por uma diferença superior a 30 pontos. A seleção brasileira terminaria a competição novamente na quinta colocação com quatro vitórias (Angola, Alemanha, Porto Rico e Austrália) e quatro derrotas (Croácia, Espanha, Estados Unidos e Lituânia).



Figura 4 - Dream Team Norte Americano, equipe campeã nas Olimpíadas de 1992. Christian Laettner, David Robinson, Patrick Ewing, Larry Bird, Scottie Pippen, Michael Jordan, Clyde Drexler, Karl Malone, John Stockton, Chris Mullin, Charles Barkley, Magic Johnson

A edição de 1996 dos Jogos Olímpicos marcou o centenário dos Jogos na Era Moderna e teve sua realização precedida por protestos e acusações, principalmente relacionadas à escolha da sede, Atlanta. Membros da comunidade olímpica internacional acreditavam que os Jogos deveriam ser realizados em Atenas, cidade Grega candidata, berço dos Jogos da Antiguidade e sede da primeira olimpíada da era moderna em 1896. A eleição da cidade norte-americana para sediar os jogos suscitou uma série de suspeitas envolvendo membros do Comitê Olímpico Internacional (COI). A organização e planejamento logístico do evento também foram alvo de duras críticas devido aos grandes congestionamentos que dificultaram a locomoção entre os locais de competição, graves falhas no sistema de informática e segurança, incluindo a explosão de uma bomba no Centennial Olympic Park, a poucos metros da Vila Olímpica, que deixou dois mortos e mais de cem feridos. Em meio a esse ambiente conturbado a seleção do Brasil apresentou uma equipe reformulada para a disputa do torneio de basquetebol masculino, com apenas quatro remanescentes da equipe que esteve em Barcelona (1992) e oito atletas em sua primeira participação olímpica. Nesta edição, novamente vencida de forma invicta pelos Estados Unidos a seleção brasileira apresentou campanha

composta por 3 vitórias (Porto Rico, Coréia do Sul, Croácia) e 5 derrotas (Grécia, Austrália, Sérvia e Montenegro, Estados Unidos e novamente contra a Grécia na disputa de quinto lugar) terminando na sexta colocação.

Ano	Cidade Sede	Partidas	Vitórias	Derrotas	Vitórias/ Derrotas%	Pontos/ Partida	Pontos Sofridos/ Partida	Colocação	Medalha
2012	Londres, Reino Unido	6	4	2	.667	79.8	71.8	5	
1996	Atlanta, Estados Unidos	8	3	5	.375	90.6	94.6	6	
1992	Barcelona, Espanha	8	4	4	.500	86.5	92.6	5	
1988	Seul, Coréia do Sul	8	5	3	.625	113.1	101.0	5	
1984	Los Angeles, EUA	7	3	4	.429	83.9	83.6	9	
1980	Moscou, Rússia	7	4	3	.571	93.9	87.3	5	
1972	Munique, Alemanha	9	5	4	.556	81.2	71.8	7	
1968	Cidade do México, México	9	6	3	.667	75.2	62.6	4	
1964	Tóquio, Japão	9	6	3	.667	66.2	62.8	3	Bronze
1960	Roma, Itália	8	6	2	.750	72.3	71.6	3	Bronze
1956	Melbourne, Austrália	7	3	4	.429	71.4	76.4	6	
1952	Helsinque, Finlândia	8	4	4	.500	58.6	54.5	6	
1948	Londres, Reino Unido	8	7	1	.875	46.8	32.9	3	Bronze
1936	Berlin, Alemanha	4	1	3	.250	23.0	23.5	9	

Tabela 3 - Desempenho do Brasil nos Jogos Olímpicos, modalidade Basquetebol Masculino.

3.2 Apresentação e discussão dos Resultados

3.2.1 Carreira Esportiva

Dando início à abordagem dos dados obtidos em entrevista junto aos ex-atletas olímpicos, os resultados do primeiro bloco de questões, referentes à carreira esportiva revelaram-se de extrema relevância, uma vez que:

- a) Informações referentes ao início da carreira esportiva trazem indicações importantes dos locais e condições em que ocorrem a descoberta e promoção de talentos esportivos no Brasil.
- b) A indicação da longevidade da carreira esportiva desses atletas tal qual o tempo que estiveram a serviço da seleção brasileira aponta o tempo em que foi possível para esse grupo de atletas de referência, a sustentação física e psicológica da prática esportiva em alto rendimento.
- c) A disputa dos Jogos Olímpicos, de forma geral, pressupõe certa experiência internacional defendendo as seleções brasileiras, no entanto a sinalização por parte de alguns atletas da disputa de temporadas em ligas estrangeiras, defendendo equipes Europeias, Asiáticas e Estadunidenses (em sua principal liga, a NBA) confere ainda maior validade ao estudo, pela capacidade destes ex-atletas estabelecerem um paralelo entre a estrutura e o sistema esportivo brasileiro e o encontrado nos principais pólos esportivos do mundo.

A idade média de início das atividades esportivas apontada pelos atletas foi de 11,5 anos (de 5 a 18 anos), sendo apontados para o início da prática esportiva o ambiente escolar (11,11%), familiar (22,22%) e os clubes (66,67%), responsáveis pela iniciação esportiva da maioria dos entrevistados. Nenhum dos ex-atletas mencionou a passagem por programas sistematizados de detecção de talentos ou, sequer o contato com a modalidade esportiva em espaços públicos projetados para tal, como praças esportivas e ginásios municipais.

Quanto à carreira esportiva dos atletas entrevistados, estas se revelaram relativamente duradouras, com idade média de encerramento da carreira de 38,11 anos (entre 30 e 43 anos). Para que se estabeleça um paralelo

interessante, dos 282 atletas inscritos no campeonato nacional de basquete NBB 7 (temporada 2014/15) apenas 9 atletas têm idade superior a 35 anos. O tempo de serviço à seleção brasileira adulta foi de 11,33 anos em média e 45,45% dos atletas atuaram ao menos uma temporada em clubes do exterior.

A seguir, serão tecidas considerações acerca da presença de profissionais e serviços de suporte durante a carreira dos ex-atletas entrevistados, tanto em ações diretamente ligadas ao treinamento, quanto em serviços de suporte transversal. Faz-se importante ratificar que o objetivo do presente estudo não é estabelecer um comparativo e realizar qualquer tipo de julgamento acerca da estrutura oferecida aos ex-atletas entrevistados e aquela comumente encontrada nos tempos atuais. A compreensão do esporte de alto rendimento se transformou e cada vez mais têm se destacado, nas diversas áreas de conhecimento, profissionais especializados no desporto. A importância da sessão seguinte reside na melhor compreensão do cenário esportivo em que esses sujeitos atuaram, sua percepção acerca do sistema esportivo nacional e futura análise dos reflexos da carreira esportiva em alto rendimento na qualidade de vida de ex-atletas.

“A preparação desportiva é um processo tão complexo que o resultado final só pode ser atingido com a união de diversos fatores cujas explicações e cujo entendimento não dependem apenas do domínio do conhecimento e conteúdo de treinamento...” (Gomes, A.C. 2009, p.19)

Dentre os serviços de suporte, diretamente ligados ao treinamento e a performance, foram citados pelos atletas: preparação física, fisioterapia, medicina do esporte, nutrição e psicologia. Dentre estes a figura mais presente na carreira dos ex-atletas foi a do preparador físico; sendo a incorporação definitiva deste profissional nas comissões técnicas do basquetebol nacional consolidada em meados da década de 80. De forma geral, os atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Seul 1988 indicaram que no início de suas carreiras a função de preparação física era desenvolvida pelo próprio treinador, sendo gradualmente transferida para um profissional especialista, o preparador físico, no início dos anos 80. Ainda assim, no relato dos

entrevistados, percebe-se que a função do preparador físico junto às equipes de basquetebol permanecera secundária até a década de 1990.

*“Era mais o técnico que era preparador físico (na década de 1980)...bem “amadorzão” mesmo, na realidade o suporte foi bem, bem fraco perto do que é o de hoje.”
(Entrevistado 17)*

“Em todas as equipes teve o preparador físico sim, mas nem sempre eles podiam atuar e se valer da área de preparação física para aumentar o rendimento do atleta, eles sempre ficavam... em segundo plano.” (Entrevistado 2)

A figura do fisioterapeuta também foi citada por todos os ex-atletas como muito presente durante a carreira esportiva. Novamente é sinalizada pela geração de Seul (1988) a ocorrência de uma importante transformação na composição da estrutura funcional das equipes. Segundo os relatos durante a década de 1980 as equipes eram acompanhadas apenas por um profissional identificado como massagista e paulatinamente o fisioterapeuta fora incorporado, se tornando figura mais presente junto às equipes profissionais de basquetebol.

*“Fisioterapeuta, já tinha a figura do massagista, que era o Felix na seleção. O Felix atendia, fazia tudo, só não tinha os aparelhos que tem hoje... na década de 80 pra frente começou a entrar o fisioterapeuta na seleção, fazer ultrassom, ondas curtas, fazia cera na mão, não existia o gelo era usado éter ainda, a gente fazia botinha..”
(Entrevistado 17)*

A disponibilização de acompanhamento nutricional por parte de clubes brasileiros não foi citada por nenhum entrevistado, sendo este suporte oferecido apenas aos que atuaram no exterior (Europa e NBA). O

acompanhamento por parte de um psicólogo foi citado apenas em eventos pontuais, na seleção brasileira e alguns poucos clubes. Nenhum entrevistado indicou a disponibilização de médicos no acompanhamento diário das atividades esportivas, porém quando indagados se existia atendimento médico quando necessário, a maioria sinalizou que existia um médico que atendia quando havia demanda, ainda que por vezes não fosse um profissional contratado pela equipe.

*“Na medicina, o que a gente tinha era o médico que era da cidade... que gostava de basquete, que acompanhava... geralmente era ortopedista.”
(Entrevistado 17)*

Ainda que sinalizada a ausência de alguns profissionais durante a maior parte de sua trajetória esportiva, tais quais nutricionistas, psicólogos e fisiologistas, os atletas, de modo geral, se mostram satisfeitos quanto à estrutura de treinamentos que lhes foi disponibilizada, haja vista que algumas das especialidades acima citadas não estavam ainda, no período, consolidadas e sua atuação junto à área do desporto, bem definida. A mesma afirmação não se aplica ao oferecimento de serviços transversais, como será visto a seguir.

Aos ex-atletas foi questionado se no curso de sua carreira lhes foi oferecido algum tipo de suporte ou orientação nas áreas: assessoria de imprensa, financeira, jurídica, orientação educacional e para a transição da carreira esportiva. Neste bloco, o único serviço apontado pela maioria dos entrevistados como presente durante a carreira esportiva foi a assessoria de imprensa, ainda que o contato citado tenha se limitado à passagem em alguns clubes, em especial clubes do exterior. Foi comum a afirmação de que a principal fonte de informação eram os bons (e maus) exemplos transmitidos pelos demais atletas da equipe, em especial aqueles mais experientes. Atletas com passagem pela liga norte-americana de basquete, NBA, citaram, além da assessoria de imprensa, o conhecimento ou contato com o programa de suporte ao atleta da Liga, envolvendo palestras de orientação financeira, jurídica e suporte para a transição de carreira. No que tange à formação educacional enquanto atletas, a

única referência foi daqueles que disputaram a Liga Universitária Norte Americana (NCAA).

“(referente ao oferecimento de suporte educacional)...aqui (no Brasil) nenhum né, lá nos EUA com certeza porque se não estudasse não podia jogar, não tinha jeito. Tinha esse acompanhamento, se precisasse estudava fora do horário, se tivesse com problema tinha professor pra ajudar...” (Entrevistado 3)

“(acerca do suporte educacional no Brasil) ...muitas equipes falam que fazem, mas na prática não tem...” (Entrevistado 7)

Acerca do suporte e orientação para a transição de carreira um entrevistado citou que, recentemente enquanto participava de um congresso no Rio de Janeiro, tomou conhecimento de um programa do Comitê Olímpico Brasileiro que, a aproximadamente dois anos, ofereceria esse tipo de acompanhamento aos atletas. Quando questionado se já presenciou ou teve conhecimento de alguma ação prática deste programa o atleta respondeu negativamente. O programa citado pelo entrevistado corresponde a uma diretriz do Comitê Olímpico Internacional, por meio de um programa intitulado *IOC Athlete Career Programme*. No Brasil o programa foi incorporado por intermédio do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e seu Instituto Olímpico Brasileiro com o título de Programa de Apoio ao Atleta (PAA). Este programa, conforme apresentado pelo COB, visa oferecer ferramentas para que os atletas se preparem adequadamente para a transição de carreira. A sinalização do entrevistado de que não teve conhecimento ou presenciou ações práticas do programa é fortalecida quando no website oficial do COB é indicado que, desde a implantação do PAA, em 2012, foram atendidos pelo programa 33 atletas, sendo dentre estes apenas um atleta da modalidade basquetebol.

3.2.2. Pós Carreira

Este bloco da pesquisa busca investigar as condições nas quais se deu o encerramento da carreira esportiva de cada ex-atleta olímpico e o impacto (físico, psicológico e financeiro) ocasionado. Nesta sessão foi solicitado aos atletas que, além de sua própria experiência, expusessem sua percepção acerca do encerramento da carreira dos demais atletas de sua geração olímpica. Cabe ainda a esta porção da pesquisa identificar aspectos da atual relação, seja profissional ou recreacional, de cada sujeito com o basquetebol.

Como já citado anteriormente, a idade média de encerramento da carreira dos ex-atletas entrevistados foi de 38,11 anos (entre 30 e 43 anos), indicando uma carreira, de forma geral, duradoura para os padrões atuais da modalidade. Como fatores determinantes para a decisão do encerramento da carreira esportiva, foram citados, principalmente, o desgaste físico e psicológico. Para alguns atletas contribuíram para a decisão problemas estruturais e financeiros das equipes em que atuavam e, em menor escala, a incidência de lesões. Para a maioria dos entrevistados 72% o encerramento da carreira ocorrera de forma não planejada, gerando a transição profissional, grande impacto psicológico e financeiro.

“Eu não esperava, não estava preparado, tanto mentalmente quanto de estrutura mesmo, aí foi pesado... principalmente financeiramente, porque eu administrei muito mal e eu tava sem estrutura nenhuma para me manter e não tinha o que fazer, não podia fazer nada e era a realidade do momento” (Entrevistado 6)

No discurso dos atletas, foi comum encontrar o argumento de que devido à intensidade da atividade esportiva em que estavam envolvidos, decorre a percepção de que, sua carreira no esporte, duraria para sempre. Com o encerramento da carreira esportiva, a queda brusca dos rendimentos financeiros e padrão de vida, somados à necessidade de iniciar uma nova atividade laboral, sem a devida formação e experiência e com a

responsabilidade de sustentar suas famílias foi apresentada como fator crítico na transição profissional.

“...a gente nunca pensa em parar, na verdade a gente acha que vamos durar pra sempre... Eu tenho certeza que todos sentem,... ter que fazer uma mudança na sua vida... Falando por mim, foi muito difícil porque eu próprio me peguei tão rapidamente falando : e agora, o que eu vou fazer?’ você não tá preparado praquela coisa ali. Naquele momento a primeira coisa que eu lembrei foi que precisava terminar a faculdade e depois fui correr atrás de trabalho...(Entrevistado 2)

*“Então você se vê em uma situação de ter que buscar a vida, começar a vida na mesma situação de uma pessoa que está saindo da faculdade, só que você já tem 40 anos... você já está com filho, tudo potencializou”
(Entrevistado 7)*

Acerca deste fenômeno, a psicóloga e diretora do programa de Psicologia Esportiva da Universidade de San Diego para Estudos Integrados, Dra. Cristina Versari afirma que os atletas que se preparam para o momento da aposentadoria costumam ter uma transição mais suave. Este planejamento não ocorre na prática com a maioria dos jogadores e para Versari a negação de que sua carreira um dia irá acabar é comum e entendida como um mecanismo de defesa visando a manutenção do foco no jogo.

O impacto físico do encerramento da carreira foi citado principalmente por aqueles que administraram lesões importantes ou foram submetidos a procedimentos cirúrgicos durante a atividade esportiva profissional. Nesses casos foi comum o relato de que, com a dificuldade para manutenção da rotina de fortalecimento muscular e tratamento, tiveram a qualidade de vida impactada, convivendo com desconforto na realização das atividades diárias como caminhar e subir escadas. Embora nenhum dos ex-atletas julgue, em sua condição atual, incapaz de praticar o basquetebol, ainda que de forma

recreacional, o grupo parece dividido quanto à essa escolha, sendo que 44% dos atletas afirmaram que ainda praticam a modalidade enquanto 66% afirmaram não mais praticar basquetebol.

3.2.3 Ocupação e Escolaridade

A maior parte dos atletas entrevistados apresenta graduação em nível superior, no entanto chama a atenção o fato de um maior percentual de atletas das gerações de Seul (1988) e Barcelona (1992) terem concluído a faculdade ainda enquanto atleta profissional, se comparados com a equipe que esteve em Atlanta (1996). A resposta para essa questão pode ser encontrada no discurso dos atletas acerca da rotina de treinamentos, segundo aqueles que atuavam profissionalmente na década de 1970, a rotina de treinamentos era composta por 3 sessões semanais, chegando ao máximo de 5, sendo sempre no período da tarde. Desta forma era comum que os atletas estudassem ou exercessem outra profissão no período matutino. A partir do início da década de 1980, os treinamentos passaram a ser realizados em 2 períodos por dia, pressupondo dedicação exclusiva. A graduação predominante foi na área de Educação Física, porém uma gama de cursos foi citada como Administração, Odontologia, Direito e Medicina. Ainda que, como já citado anteriormente, não tenha sido oferecido por parte dos clubes brasileiros nenhum tipo de suporte ou orientação educacional, para a conclusão dos cursos durante a carreira esportiva a maior parte dos atletas afirma ter contado com benefícios junto às instituições de ensino como bolsas de estudo, flexibilização de datas de provas, abono de faltas, entre outros.

Uma porcentagem significativa dos atletas segue com atuação ligada ao meio esportivo (72%), como treinadores, gestores, comentaristas esportivos. Como o objetivo desta pesquisa não se limita à reflexão acerca do grupo entrevistado, mas a partir deste, pensar o esporte e a sociedade de forma geral, se faz oportuno ratificar que os entrevistados compõem o seleto grupo de atletas olímpicos brasileiros de basquetebol entre os anos de 1988 e 2011. Com isso, não parece prudente sugerir que a porcentagem de atletas absorvidos pelo mercado esportivo apontada nesse estudo seja correspondente a dos atletas de menor expressão nacional e internacional.

3.2.4 Políticas de Esporte no Brasil

Já narrada em detalhes a trajetória dos ex-atletas, tal qual as consequências da carreira esportiva e transição profissional nas diversas esferas de suas vidas, foi solicitado aos entrevistados que, a partir de sua percepção, avaliassem aspectos da política esportiva brasileira. Como já citado anteriormente, atletas de alto rendimento são diretamente impactados e podem oferecer informações valiosas para análise de fatores apontados como centrais para o estabelecimento de um sistema esportivo eficiente. Os aspectos avaliados foram:

a) Comunicação e integração das ações e políticas esportivas entre os principais órgãos gestores do esporte nacional e da modalidade.

Green e Oakley (2001) apontam a comunicação eficiente e o claro entendimento do papel de cada agente esportivo como consenso internacional para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento. A vasta experiência esportiva do grupo entrevistado, que além de ex-atletas olímpicos, é composto na atualidade por treinadores em alto rendimento, gestores e comentaristas esportivos ratifica a relevância da percepção destes atores acerca da temática.

Houlihan e Green (2008) ao organizarem um detalhado estudo acerca dos sistemas adotados nas principais potências esportivas mundiais em alto rendimento, destacam a efetividade na comunicação e integração entre as diferentes esferas na gestão esportiva como fator determinante de sucesso. Merece destaque, por exemplo, a rede de comunicação que costura a complexa estrutura organizacional do esporte de elite no Japão. Esta é coordenada pela integração de sessões especiais do JISS (*Institute of Sports Sciences*) e JOC (*Japanese Olympic Committee*), incluindo na rede de comunicação organizações esportivas locais, regionais e nacionais, organizações de pesquisa científica e órgãos internacionais, promovendo desde encontros informais e circulação de e-mails à organização de conferências, fóruns e seminários. A troca de informações e recursos, análise e planejamento estratégico têm como objetivo não apenas fundamentar o

apontamento de prioridades para as políticas esportivas, mas influenciar as de decisões políticas de forma geral.

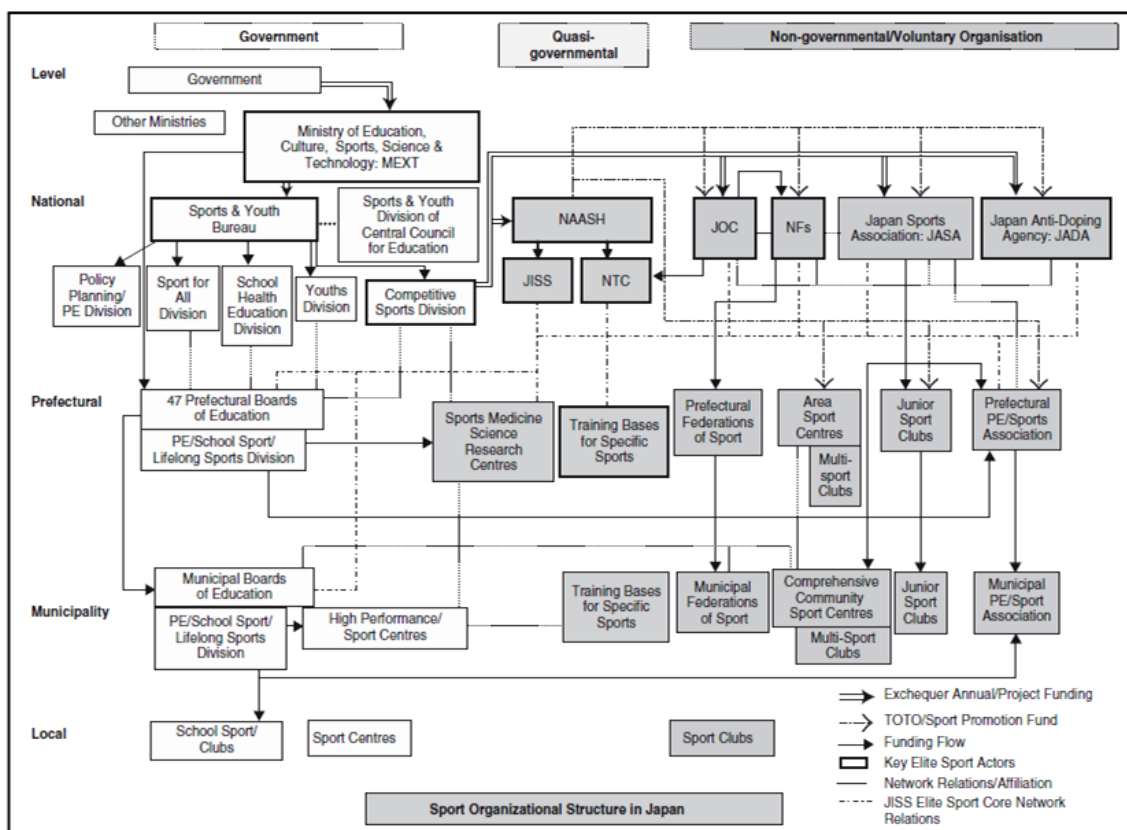


Figura 5 - Estrutura Organizacional Esportiva do Japão (Houlihan & Green, 2007 p.55)

No contexto da formulação de políticas públicas no Brasil, Comerlatto et. al. (2007) ratifica que no contexto atual, em que se destaca um movimento de descentralização com a transferência de poder de níveis centrais para os periféricos, o direcionamento estratégico das políticas públicas exige a instauração de modelos flexíveis e participativos, envolvendo a participação dos demais interlocutores nas decisões e ações relacionadas às políticas públicas.

Especificamente no basquetebol brasileiro, seguindo a tendência acima apresentada, a comunicação e integração entre os órgãos gestores do basquetebol nacional se fazem ainda mais importantes quando, a partir de 2008 ocorre o relevante surgimento da Liga Nacional de Basquete (LNB). Esta, contando com o apoio das principais lideranças e clubes do basquetebol brasileiro, surge com o objetivo de, seguindo os moldes da consagrada liga

norte-americana (NBA), modernizar a gestão esportiva e ampliar a participação dos clubes na organização do campeonato nacional de clubes, NBB, conforme o Art. 4º da Liga Nacional de Basquete em seu estatuto.

Art. 4º A LNB tem por fim e objetivos fundamentais organizar, realizar, dirigir e controlar, campeonatos nacionais nas modalidades basquetebol, na categoria adulto masculina, na forma prevista neste estatuto, bem como outras competições ou atividades que visem difundir e incentivar a prática do basquetebol, em todos os níveis, inclusive o de formação e, quando autorizado ou delegado, o paralímpico, praticado por portadores de deficiências, com observância das normas legais pertinentes, atendendo às seguintes premissas e objetivos específicos; (LNB, 2008 p.3)

Além da LNB, foram apresentadas para os entrevistados como principais entidades envolvidas na gestão do esporte os clubes, federações, a Confederação Brasileira de Basquete (CBB), o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Ministério do Esporte (ME).

No discurso dos entrevistados acerca da temática percebe-se grande descontentamento com a gestão esportiva nacional, principalmente quando se referem aos órgãos públicos, sendo esta insatisfação potencializada pela proximidade da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil em 2016.

“Acho que no Brasil, tendo a Olimpíada próxima, a gente vê que não teve nenhum tipo de evolução por parte de política esportiva.” (Entrevistado 17)

Na minha época não tinha muito e hoje eu vejo cada um por si e Deus por todos. O pessoal mais alinhado com corrupção do que qualquer outra coisa. (Entrevistado 16)

Não existe comunicação... eles brincam de dizer que vão fazer uma política de esporte só pra poder caber na mídia, porque na realidade todo mundo quer só o recurso pra gerir de outras formas. Não é uma coisa séria para desenvolvimento de esporte. (Entrevistado 16)

“Apesar de eu ter vindo do meio esportivo, a gente nunca poderia ter abraçado isso (se referindo à realização dos Jogos Olímpicos no Brasil). Nunca houve de fato uma convocação do povo a abraçar isso ou uma consulta popular. Então colocaram um projeto de bilhões, que não deixa benefício nenhum..” (Entrevistado 16)

“Vê, lê, escuta falar, mas na prática não reconhece essa integração” (Entrevistado 10)

Ainda que, de acordo com os entrevistados, não exista uma política de esporte integrada, algumas ações e mecanismos foram citados como possibilidades de interação entre as entidades, como por exemplo o financiamento de projetos por meio da Lei de Incentivo ao Esporte tal qual ocorre com o atual campeonato brasileiro Sub23, chamado Liga de Desenvolvimento de Basquetebol.

“Acredito também que o que impede um pouco o desenvolvimento de todas as entidades (esportivas)...é a burocracia. A burocracia pra você conseguir realizar projetos simples é tão grande que a comunidade do esporte as vezes não está preparada pra isso. Então uma federação uma confederação, um clube, eles tem instrumentos hoje para fazer convênios, trabalhar junto com a prefeitura, com o estado, etc.. mas não tem ferramentas e não tem pessoas pra gerenciar e realizar tudo isso. Existe uma Lei de Incentivo...mas é uma coisa tão complexa para realizar que uma federação por exemplo do Espírito Santo vai precisar de uma pessoa pra fazer o projeto, uma pessoa pra correr atrás de patrocínio, uma pessoa para entregar o projeto, uma pessoa para fazer a prestação de contas, que torna inviável aquilo que era pra ser um benefício.” (Entrevistado 9)

*“Quem ta conseguindo realizar isso (ações conjuntas com o governo) são apenas os grandes... as grandes ONGS, os grandes clubes, o COB, a confederação..”
(Entrevistado 9)*

b) Identificação e promoção de talentos esportivos no Brasil.

A estruturação de um programa de identificação e promoção de talentos esportivos é apontada pela literatura como fator de destaque em uma política esportiva nacional (HOULIHAN; GREEN 2007; DE BOSSCHER, 2010). Ao grupo entrevistado foi solicitado que expusessem sua experiência enquanto atletas de grande potencial e destaque, assim como a percepção que possuem da política de identificação e promoção de talentos no Brasil.

Para Dantas (2004) a identificação de talentos é a seleção fundamentada no conjunto de qualidades apresentadas por atletas de sucesso em cada modalidade esportiva. Além do conhecimento acerca das características do atleta profissional, para a seleção esportiva é necessário conhecimento acerca da formação do ideal esportivo e quais características o atleta deve apresentar em cada fase do aperfeiçoamento. A partir da correta identificação e direcionamento sistematizado de treinamentos, desde a infância e juventude, busca-se potencializar o desenvolvimento do atleta e aumentar a probabilidade de que este alcance o alto rendimento esportivo. Este processo de Treinamento em Longo Prazo (TLP) envolvendo desde a formação básica geral e o treinamento específico, até que se atinja o treinamento em alto nível, tem duração média de 6 a 10 anos, variando conforme as características de cada modalidade (WEINECK,1996; GRECO, 1997; ARENA E BOHME, 2000). No Brasil a discussão do tema tem ganhado espaço, principalmente a partir da década de 1980 com a constatação do grande distanciamento existente entre o número de medalhas conquistadas pelo Brasil em Jogos Olímpicos e Pan Americanos, se comparado a outros países, inclusive aqueles com população muito inferior à brasileira, como Cuba, Canadá e Austrália (DANTAS, PORTAL, ALONSO, 2004).

Quando questionados acerca da forma como se deu o início da prática do basquetebol e posterior carreira esportiva, nenhum dos entrevistados citou o contato ou passagem por qualquer ação sistematizada de identificação de talentos esportivos. A idade média de início da prática do basquetebol apontada foi de 11,5 anos, sendo o fator motivador predominante a influência de familiares ou amigos.

Quando questionados acerca de sua impressão acerca da existência de um plano de identificação e promoção de talentos esportivos no basquetebol brasileiro foram citadas ações promovidas por clubes como Minas Tênis Clube (MG), Bauru (SP) e CETAF (ES). Nenhuma ação de abrangência nacional, capitaneada por órgãos públicos, confederações ou federações foi citada. No discurso dos atletas foi constante o destaque dado ao potencial esportivo do país, devido à sua extensão, condições climáticas e características da população.

“Não, não vejo nada (referente a programas de identificação e promoção de talentos no Brasil). Acho que temos um potencial incrível, formidável, mas eu não vejo nenhuma política nesse sentido. Eu acho que um país como a gente tem, com a dimensão que a gente tem, a condição física, essa miscigenação, condição atlética... A gente está muito atrás, não temos quase nada”
(Entrevistado 18)

Foi destacado como uma grande falha do modelo esportivo adotado no Brasil o distanciamento entre a formação esportiva e o sistema de ensino brasileiro. Para alguns entrevistados a identificação e promoção de talentos esportivos deveriam ocorrer, prioritariamente junto às escolas. Países que adotam este tipo de modelo, como os EUA, procuram incorporar o maior número possível de crianças e adolescentes à prática esportiva, proporcionando, desta forma, condições para que, sob o olhar de professores de Educação Física e treinadores, alunos talentosos sejam identificados. A importância da disseminação da prática esportiva é ratificada por Dantas (2004) quando, em

estudo, afirma que dos alunos que chegam às escolinhas esportivas apenas 0,2% se filiarão a uma federação.

“A dificuldade que se tem hoje pra se achar ou formar um menino começa principalmente por causa da escola, não se tem nada na escola, aí fica uma coisa muito elitizada conseguir garimpar meninos em clubes” (Entrevistado 5)

“Nenhum (referente a existência de programas de detecção de talentos esportivos no Brasil), eu acho que deveria ser escolar. Os clubes, socialmente estão fechando a maioria porque o mundo mudou com a internet, os shoppings. Então eu acho que essa mudança no quadro social foi terminando com os clubes e as pessoas foram se fechando ...e a política de esporte na escola não continuou ou melhorou.” (Entrevistado 17)

Considerando o modelo vigente, os ex-atletas entrevistados se mostram certos de que não existe um programa nacional de identificação e promoção de talentos estruturado e que, em decorrência deste fato grande parte do potencial esportivo da nação se perde.

“é um zero à esquerda, uma brincadeira quando se fala de busca de talentos no Brasil. O que a gente encontra de talento no Brasil é...se não um “aborto da natureza”, algo do tipo “evolução instantânea”. A criança nasceu daquele jeito.” (Entrevistado 16)

“Não tem um programa eficiente, tem um programa básico e antigo que é: olhar as competições, falar com os técnicos, olhar o campeonato brasileiro. Então em não considero isso um super programa de detecção de talentos.” (Entrevistado 9)

Se fala isso e tudo (identificação e promoção de talentos), mas no dia a dia não vejo essa coisa, a preocupação das

pessoas é ganhar, porque o cara do clube não quer saber de “vamos formar o atleta”. (Entrevistado 14)

Instalações esportivas adequadas para o desenvolvimento do esporte em alto rendimento.

Fator determinante para a prática esportiva em alto rendimento e conquista de resultados internacionais, nas últimas duas décadas, a partir da organização de grandes eventos esportivos internacionais no Brasil, muita expectativa foi gerada acerca da melhoria da infraestrutura esportiva como parte do legado de megaeventos esportivos. O relato dos entrevistados acerca dessa temática se faz relevante, pois oferecem narrativas acerca da evolução das instalações esportivas nacionais desde as décadas de 1970, marco da espetacularização esportiva com as primeiras transmissões de eventos esportivos ao vivo e em cores no Brasil, até o presente ciclo de megaeventos esportivos sediados no país.

Mazzei et. al. (2012) em um estudo acerca dos Centros de Treinamento Esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil conclui que, não obstante à indicação do Ministério do Esporte (BRASIL, 2004; 2006; 2010) da modernização da infraestrutura esportiva nacional como ação estratégica para consolidação do país como potência esportiva, a existência de instalações esportivas adequadas para o treinamento de atletas de alto rendimento ainda deve ser considerada como fato isolado. O relatório apresentado em 2011 pelo Tribunal de Contas da União acerca do esporte de alto rendimento no Brasil ratifica o déficit estrutural enfrentado.

Neste ponto o discurso dos atletas é uníssono no que tange à deficiência estrutural do país para a prática esportiva em alto rendimento. Ainda que a maioria reconheça melhora na organização e estrutura do basquetebol nacional, principalmente após o surgimento da Liga Nacional de Basquetebol (LNB) e o campeonato nacional Novo Basquete Brasil (NBB) em 2009, o déficit estrutural brasileiro é evidenciado quando comparado com a realidade encontrada nos principais pólos mundiais.

“dá até vergonha de falar.... é muito ruim mesmo. Eu parei de jogar a 15 anos e os ginásios são os mesmos...”
(Entrevistado 3)

“Não tem nada em termo estrutural para se orgulhar no Brasil” (Entrevistado 18)

“No Brasil a gente não tem nenhum ginásio de padrão que a gente diria “NBA”. A Arena (Arena HSBC, localizada no Rio de Janeiro e inaugurada em 2007 para os jogos Pan Americanos) tem só o tamanho, não tem os Leds, o placar não funciona, Os vestiários todos desarticulados, não tem quadra de aquecimento, não tem área de restaurantes como é um ginásio de NBA. E você vê todas as equipes que estão disputando (Euroliga) Macab, Real Madrid, Barcelona, eles estão todos nesse nível de NBA, O Brasil não tem nenhum ginásio.” (Entrevistado17)

Foi também comum nas entrevistas o desejo dos atletas enfatizarem que, ainda que a estrutura para o basquetebol em alto rendimento não seja compatível com a encontrada no exterior, quando a investigação se volta para a estrutura e base a realidade é ainda mais alarmante. Segundo os ex-atletas, cidades localizadas fora das regiões Sul e Sudeste do país normalmente apresentam estrutura precária, além das escolas e universidades, de forma geral, também não contam com um complexo esportivo adequado.

Suporte para o desenvolvimento da carreira esportiva e transição profissional.

O apoio à vida profissional e social do atleta, tal qual o estabelecimento de programas de preparação para a transição profissional também são apontados como pilares fundamentais para a política esportiva nacional (JOHNSTON; CARROL 1998; DEBOSSCHER 2008; GREEN; OAKLEY 2001). Faz-se, então, relevante analisar o discurso dos entrevistados acerca do suporte recebido e sua percepção do que é praticado neste sentido no Brasil e exterior.

Diversos países têm desenvolvido programas de suporte com o objetivo de aumentar seu número de atletas de elite e promover o ambiente esportivo adequado, sendo este o *“ambiente social e organizacional que fornece circunstâncias nas quais atletas podem se desenvolver em elite e se manter nos mais altos níveis em seu ramo de desporto”* (VAN BOTTENBURG, 2000 apud DEBOSSCHER 2008). As ações de suporte podem ser voltadas à carreira esportiva do atleta ou ao período pós carreira esportiva do mesmo, ganhando destaque sempre em momentos de transição, seja esta, por exemplo, a transição das categorias de base para a categoria principal ou a transição profissional enfrentada com o encerramento da carreira esportiva. Suptu (2012) destaca que recentemente as pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de carreira esportiva tem sofrido uma notável mudança de foco; de uma perspectiva que valoriza a performance, para uma perspectiva holística de vida. É ainda importante destacar, segundo Green e Oakley (2001) que a noção de suporte de vida ao atleta seja talvez a única área da política esportiva ocidental moderna a não possuir antecedente de destaque no sistema esportivo soviético.

No que concerne ao suporte oferecido ao atleta durante a carreira esportiva DeBosscher (2008) aponta quatro áreas de atuação:

- **Habilidades:** treinamento de mídia; orientação nutricional; prevenção de drogas no esporte; habilidade para resolver problemas; estabelecimento de objetivos; automotivação; habilidades de organização; habilidades de transição; habilidades de comunicação; competências de relacionamento; networking; habilidades na gestão de tempo e estresse;
- **Gestão da Educação:** aprendizado à distância; flexibilização do cronograma de provas e estudo;
- **Gestão da Saúde:** suporte médico; suporte em psicologia do esporte e clínica;
- **Apoio Financeiro e Gestão:** gestão de finanças e salário mínimo

Stambulovaa, Stephanb e Japhaga (2007) destacam que momentos de transição durante a carreira esportiva são marcados pelo conflito entre o que o atleta é e o que gostaria de ser, sendo necessário que encontre maneiras de

lidar com a situação de forma eficaz. O modo com que o atleta lidou com os momentos de transição durante sua carreira, o suporte e as ferramentas que recebeu nesse período serão determinantes para o enfrentamento da última transição esportiva.

As razões que levam ao término da carreira esportiva, o planejamento para aposentadoria, reações emocionais e estratégias de enfrentamento e adaptação são variadas e possuem forte correlação com características culturais nas quais o atleta está inserido (ALFERMANN; STAMBULOVA; ZEMAITYTE, 2004). Este fato confirma a importância do presente estudo, ratificando a necessidade de profunda investigação das reais necessidades do atleta de elite brasileiro para o estabelecimento de políticas esportivas eficazes.

Quando questionados acerca do oferecimento de suporte ao atleta de alto rendimento todos os entrevistados sinalizaram melhora das condições de trabalho, se comparados o período em que atuavam profissionalmente e os tempos atuais. No entanto esta melhora apontada remonta ao tópico anterior, sendo justificada pelos ex-atletas em função do desenvolvimento de novas tecnologias e sua aplicação em espaços e equipamentos esportivos. Novamente o surgimento da Liga Nacional de Basquete em 2008 foi citado como importante vetor de transformação a partir da exigência e padronização de equipamentos.

Graças a Deus hoje, com essa coisa do NBB, uma coisa primordial está sendo essa padronização das quadras. Todo time de NBB tem a sua quadra, que é aquela montada, com aquela tabela... (anteriormente) se ia jogar aí em Vila Velha, a tabela era de um jeito, o aro era de um jeito e a bola era de um jeito, aí quando ia jogar em outro lugar tinha que ir um dia antes pra se adaptar com o aro que era mais duro, mais bicudo, a bola era um pouco diferente, a quadra era mais dura, a iluminação... minha vida inteira foi assim. (Entrevistado 4)

Os clubes que jogam competitivos estão fortes, por causa de organização privada. Se não tivesse a ação da Liga, os

clubes saírem da federação, saírem da confederação, fazer um órgão privado, a gente estaria acabado hoje se tivesse na confederação (Entrevistado 17)

Diferentemente da infraestrutura, quando se referem às ações voltadas para a capacitação e orientação do atleta em uma perspectiva holística, nenhum avanço foi apontado pelos entrevistados. De maneira geral, foi ratificado no discurso a importância desse tipo de programa, sendo o incentivo ao estudo e ações de capacitação e conscientização citados como primordiais para que o atleta seja capaz de melhor gerir sua carreira esportiva e enfrentar transições profissionais com maior eficiência.

“Acho que é importante ter (ações de suporte ao atleta), o atleta se ilude muito com a vida esportiva e quando a gente está no meio acha que nunca vai acabar, mas passa muito rápido e se não administrar direito, com consciência, acaba muito rápido. E o atleta não tem noção que fora das quadras e do campo não é a mesma facilidade...” (Entrevistado 6)

‘Eu passei todo esse tempo no basquete profissional e tive 2 anos de carteira assinada. Eu não tive suporte nenhum. Quando me perguntam: quando que você vai se aposentar e falo: infelizmente vou me aposentar quando eu morrer... no dia que me botar no caixão. (Entrevistado 3)

“Precisa ver alguma forma que a garotada compreenda isso e que é muito sério, é muito sério mesmo... essa é uma área (suporte ao atleta) que eu acho muito importante e que deve ser investida mesmo. (Entrevistado 6)

Quando eu jogava, todo dinheiro de patrocínio e TV, a CBB levava tudo, agora com a LNB, os clubes estão

recebendo a parte que lhes cabe. Vamos ver se isso vai chegar até os atletas. (Entrevistado 3)

Se faz importante destacar também a grande expectativa depositada por alguns entrevistados no recente relançamento da Associação de Atletas Profissionais de Basquetebol do Brasil (AAPB)⁸ em 2013 como importante mediadora em defesa dos interesses dos atletas.

Hoje temos a Associação de atletas, já deram o primeiro passo, agora a tendência é melhorar. (Entrevistado 12)

“A primeira coisa que deveria ser feita (para o estabelecimento de suporte ao atleta) é consultar os próprios atletas, não partir de cima pra baixo como se eles (órgãos gestores) soubessem tudo” (Entrevistado 16)

⁸ AAPB foi fundada em 2008, porém permaneceu inativa até seu relançamento em agosto de 2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a problemática inicialmente levantada, a partir da literatura de referência e os relatos de ex-atletas olímpicos de basquetebol, parece claro que a política esportiva brasileira se apresenta deficiente em diversos aspectos determinantes para o sucesso esportivo internacional. Também é certo que, ainda que, por vezes, não seja simples o estabelecimento da relação causa e efeito, aspectos deficitários do sistema esportivo nacional têm impactado diretamente na identificação de talentos, aperfeiçoamento de atletas, manutenção da carreira esportiva em alto rendimento, transição profissional e, por conseqüência, a qualidade de vida de atletas e ex-atletas profissionais.

A precariedade da infraestrutura esportiva, por vezes, acompanha o atleta desde seu primeiro contato com o esporte, perpassando sua formação nas categorias de base até a carreira em alto rendimento. Certamente a maior implicação da pouca oferta de espaços voltados à prática esportiva, especialmente espaços públicos, é um significativo comprometimento do número de praticantes. Por conseqüência, conclui-se a existência de uma série de jovens talentosos que, principalmente quando não residentes em grandes centros urbanos, não terão seu potencial esportivo desenvolvido, ou sequer terão contato com a modalidade. Ilustra essa reflexão quando observado, por exemplo, que dentre o grupo de atletas que representaram a seleção brasileira masculina de basquete nos Jogos Olímpicos de Seul, Barcelona e Atlanta, 82% são nascidos em municípios com população superior a 300 mil habitantes e 72% são naturais da região sudeste. Ainda se faz oportuno ressaltar que todos os atletas nascidos em outras regiões do país são naturais das respectivas capitais estaduais ou Distrito Federal.

Ainda sobre as barreiras para massificação da prática e identificação de talentos esportivos, além da ausência de planejamento e infraestrutura apontada pelos entrevistados, faz-se necessário refletir acerca da necessidade de ampliação da participação do sistema educacional como parte deste processo. De acordo com Ferreira (2007) entende-se como características da participação do sistema educacional no esporte de rendimento: a) a qualidade do ensino de Educação Física e a oferta de atividades esportivas extra-

curriculares, b) a cooperação entre escolas e clubes, c) a existência de escolas esportivas voltadas para a promoção de talentos, d) um sistema de competição escolar e universitário abrangente. O relativo distanciamento entre a organização esportiva e o sistema educacional também tende a gerar empecilhos à formação escolar do atleta por meio da estruturação de calendários de treinamentos e competições pouco compatíveis com a rotina escolar e universitária. A incessante e, por vezes precoce, busca por resultados esportivos, somada à ausência de programas voltados à conscientização, orientação do atleta e do estabelecimento de estratégias de conciliação entre a carreira esportiva e a formação escolar/acadêmica contribuem para a constituição deste quadro.

Há de se refletir, também, acerca da lógica de concessão de benefícios ao atleta por parte do poder público e seus critérios de seleção. Alguns programas voltados para o direcionamento de recursos financeiros para atletas (Bolsa Atleta) apresentam, como único critério de seleção os resultados esportivos obtidos pelo atleta na temporada imediatamente anterior ao pleito. Tal mecanismo pode se revelar cruel, principalmente quando envolvem atletas de categorias de base. Em busca do recebimento ou manutenção do benefício, por vezes determinante para sua sobrevivência, o processo de treinamento infanto-juvenil que deveria ser preparado visando rendimento contínuo e a longo prazo, pode ser afetado pela busca de resultados imediatos. Além do comprometimento da carreira esportiva, a necessidade de produção de resultados imediatos pode representar mais um vetor de afastamento de jovens atletas do ambiente escolar.

No âmbito do ensino superior, o distanciamento entre universidade e prática esportiva compromete não apenas a formação dos atletas, mas a pesquisa, produção científica e o efetivo suporte multidisciplinar fundamentado na ciência do esporte. Estudos em treinamento desportivo destacam que esse não se constitui da aplicação de conhecimentos ao treinamento, mas de uma área de estudos em que se produz conhecimentos aplicados, frutos da testagem e suas implicações para a resolução de problemas práticos.

Isto posto, para a promoção de avanços no campo da ciência do esporte é necessária maior integração entre teoria e prática, entre as instituições de pesquisa e instituições esportivas, professores pesquisadores, treinadores e atletas de elite. É indispensável a verificação experimental da real aplicabilidade dos conceitos, princípios ou hipóteses oriundas da pesquisa básica em uma situação real de prática esportiva profissional (TANI, 1998).

O relato dos ex-atletas olímpicos entrevistados de que ao final da sua carreira esportiva não possuíam nenhum tipo de plano de aposentadoria, além de lhes ter sido vedado acesso a uma série de direitos trabalhistas ilumina a necessidade de reflexão também na esfera do Direito. Não é objetivo do presente a realização de profunda análise nesse sentido, porém sugere-se a realização de novos estudos para verificação das relações trabalhistas, principalmente na esfera do esporte amador brasileiro, uma vez que estas têm impactado diretamente a qualidade de vida de atletas e ex-atletas.

Por fim, dentre os aspectos apontados como determinantes para a constituição de uma política esportiva de alto rendimento, o suporte social e profissional para atletas e programas de preparação para a futura transição profissional (GREEN E OAKLEY, 2001; DE BOSSCHER, 2006; FERREIRA, 2007) foi revelado como aspecto mais incipiente no sistema esportivo brasileiro. Nas entrevistas realizadas não foi mencionada por qualquer ex-atleta olímpico a participação ou conhecimento de ações práticas de suporte ao atleta no Brasil (exemplos foram citados, sempre quando atuavam no basquetebol europeu ou norte americano).

Já citado anteriormente, o Programa de Apoio ao Atleta implantado pelo COB em 2012 se mostra pouco efetivo, com 33 atletas atendidos em 3 anos, sendo apenas um na modalidade basquetebol. Desta forma, sugere-se a realização de outras pesquisas voltadas à análise de programas e ações de suporte ao atleta de alto rendimento no Brasil, tal qual a análise de possibilidades de interlocução com o meio acadêmico científico na promoção de ações transdisciplinares com esse fim. A Liga Nacional de Basquete (LNB) e a Associação de Atletas Profissionais de Basquetebol (AAPB) se destacam como possíveis protagonistas nesse cenário, sendo citadas pelos entrevistados como

maior depositário de sua esperança no desenvolvimento da modalidade, melhorias nas condições de trabalho e valorização do atleta profissional de basquetebol.

REFERÊNCIAS

ALFERMANN D, STAMBULOVA N. **Career Transitions and career termination**. Handbook of Sport Psychology. New York, p.712-736, 2007.

ALFERMANN D, STAMBULOVA N, ZEMAITYTE **Reactions to sport career termination**: a crossnational comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. Psychology of Sport and Exercise. v. 5, p. 61–75, 2004.

ALMEIDA, M.C.; CARVALHO, E.A. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009.

ARENA S.S.; BOHME M.T.S. **Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo**. Rev Paul Educ Fís 2000;14(2):184-95

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP. Papyrus Editora, 1998.

BINGHAM, J.; SHIBLI, S. **The global sporting arms race: An international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success**. Aachen: Meyer & Meyer Verlag, 2008

BRASIL, Ministério do Esporte. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/> >. Acesso em: 09 jan. 2015.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 11 Jul. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Centro de EducacaoFisica e Desportos da Ufes, 1997.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos. **Cidadania e res publica**: a emergência dos direitos republicanos, Revista de Direito Administrativo, Rio de Janeiro, 208: 147-181, abr./jun. 1997.

BARROS, K. S. **Recortes da transição na carreira esportiva**. Revista Brasileira de psicologia do esporte, v. 2, n. 1, p. 01-27, 2008.

Dantas E, Portal M, Alonso L. **Plano de expectativa individual**: uma perspectiva científica para a detecção de talentos esportivos. Rev Min Educ Fís. 2004;12(2):85

FLECK, M.P.A. **A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde.** Artmed, 2008.

FLECK, M.P.A. **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100):** características e perspectivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000.

DE BOSSCHER, V. et al.. **Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries.** *Sport Management Review*, Londres,12, p. 113-136, 2009

DE ROSE, G., TADIELLO, F., ROSE JUNIOR. **Lesões esportivas: um estudo com atletas do basquetebol brasileiro.** *Revista Digital - Buenos Aires*. Año 10. n° 94. Mar 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 10 de jan de 2013

Duarte, O. **História dos esportes.** São Paulo: Editora Senac, 2003.

ECCHI, L. **Políticas Públicas: Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos.** São Paulo: Cengage Learning, 2010. 133 p.

ELIAS, N.. **A sociedade de corte.** Zahar, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992

ELIAS, N.; **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, v. 1, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Volume 2: Formação do Estado e Civilização.** Jorge Zahar Editor, 1993.

FERREIRA, R. **Políticas para o Esporte de Alto Rendimento: Estudo Comparativo de alguns Sistemas Esportivos Nacionais visando um Contributo para o Brasil.**Diss. Tese (Doutorado) FADEUP. Universidade do Porto, 2007.

GARRIGOU, A. **Norbert Elias: A política e a historia.** São Paulo. Perspectiva, 2001.

GRECO, P.J.; BENDA R.N.; **Iniciação Esportiva Universal 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte, Escola de Educação Física da UFMG, 1998

GREEN, M.; OAKLEY, B. **Elite Sport Development Systems And Playing To Win: Uniformity And Diversity In International Approaches.** *Leisure studies*, v. 20, n. 4, p. 247-267, 2001.

GUARINELLO, N. L. **Violence as a show: Bread, Blood and Circus**. História, São Paulo, v. 26, n. 1, p 125-132, 2007.

GODOI, MS. **A Mídia e a Construção do Herói Esportivo: Análise De Publicidades**. Florianópolis. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, v. 33, n. 3, p. 637-651, 2011.

HORNE, J; MANZENREITER, W. **An introduction to the sociology of sports mega-events**. The Sociological Review, v. 54, n. s2, p. 1-24, 2006.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative Elite Sport Development**. London, Elsevier, 2008

Johnston, L.; Carroll, D. **The context of emotional responses to athletic injury: A qualitative analysis**. Journal of Sport Rehabilitation, 7, 206-220. 1998

KINZO, M.D.G. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB, 1966-1979**. São Paulo. Edições Vertice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

LAVALLEE, D; WYLLEMAN, P. (Ed.). **Careertransitions in sport: International perspectives**. Fitness Information Technology, 2000.

LIMA, W G. **Política pública: discussão de conceitos**. Interface (Porto Nacional), Edição número 05, Outubro de 2012

MALISKA, M. A. **MAX Weber E O Estado Racional Moderno**. Revista Eletrônica do CEJUR, v. 1, n. 1, ago./dez. 2006

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L; ALMEIDA, M A. B. **A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da Guerra Fria**. Encontro da Asociación Latinoamericana de Estudios Sociales Del Deporte, v. 1, 2008.

MEZZADRI, F. M. Políticas públicas para o esporte e lazer: teorias e conceitos. **Esporte, Lazer e Políticas Públicas na Região dos Lagos**, p. 89, 2011.

MOREIRA, P.; GENTIL, D.; OLIVEIRA, C. **Prevalência de Lesões na Temporada 2002 da Seleção Brasileira Masculina de Basquete**. Rev. Bras. Med. Esporte .V.9 nº5 – Set/Out 2003.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. FGV Editora, 2007.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A; BUSS, P. M. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário**. Ciência saúde coletiva, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

NOZAKI, Hajime, Adriana PENNA. **O novo papel do esporte no contexto da ofensiva imperialista recolonizadora**. Revista Outubro–São Paulo 16 (2007): 201-218.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório da força tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o esporte para o desenvolvimento e a paz: em direção às metas de desenvolvimento do milênio**. 2003. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br>. Acesso em 10 de março de 2014.

PENHA, R. E. S. **O papel do clube esportivo no processo de formação esportiva para o esporte de alto rendimento no contexto nacional e internacional**. Monografia (Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo). 2009, 45p.

Pires, G.L. **Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. Revista da educação física/uem, 9, p. 25-34, dez./1998.

Proni, M; Lucena, R. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: autores Associados, 2002

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RAMOS, V.; TAVARES, F. J. S. **A seleção de jovens atletas de basquetebol: estudo com técnicos brasileiros**. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 42-49, 2000.

RUA, Maria das Graças. **Políticas públicas**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2009.

RÚBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001

RÚBIO, K. **Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010

SILVA, A. M. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. 1991. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

SIGOLI, M. A.; DE ROSE JUNIOR, D. **A história do uso político do esporte**. Ver.Bras.Ciênc.Mov., v. 12, p. 111-9, 2004.

TAVARES, O. **Megaeventos Esportivos**. Revista Movimento, Porto Alegre, 2012, 17 (3): 11-35

TANI, G. **20 anos de ciências do esporte: Um transatlântico sem rumo?** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte , N. Especial - 20 anos, 19-31. 1998.

TRENGROUSE, P. **A Copa do Mundo é realmente nossa?**.GVexecutivo, v. 12, n. 1, p. 64-65, 2014.

TUBINO, M.J.G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação.** Maringá. Eduem, 2010.

Weineck JN. **Treinamento ideal.** 9ª ed. São Paulo: Manole; 2001.

Wylleman, P., Lavallee, D., Aflermann, D. (Eds.). **Career transitions in competitive sports.** Biel, Switzerland: European Federation of Sport Psychology Monograph Series. 1999.

WHOQOL GROUP et al. **The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL):** position paper from the World Health Organization. Social science & medicine, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

**ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS
TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO E CONSENTIMENTO**

Programa de Mestrado em Sociologia Política – UVV-ES

Pesquisa para Dissertação de Mestrado:

**POLÍTICAS DE SUPORTE AO ESPORTISTA DE ALTO RENDIMENTO E
QUALIDADE DE VIDA**

Luiz Felipe Faria de Azevedo Filho

Eu _____ concedi entrevista
para a pesquisa da dissertação de mestrado acima identificada, em
_____|_____|_____.

Autorizo que o teor de minha entrevista seja utilizado na dissertação, e declaro
ciência de que os relatos serão tratados de forma anônima. **(colocar X na
opção do entrevistado)**

_____| Anônima

Local, data e assinatura.

_____|_____|_____

(Assinatura e Nome do Entrevistado)

Nome Completo
Data de Nascimento
Naturalidade
Residência
Jogos olímpicos que participou
Posição (função)

Realizar uma breve explanação acerca da pesquisa e seus objetivos

1. Carreira Esportiva

1.1. Ingresso na Carreira / Identificação e Seleção de Atletas

Como se deu o início de sua carreira? Idade, local..
 Como atleta de basquetebol, durante quanto tempo atuou profissionalmente?
 Quanto tempo de atuação pela Seleção Brasileira
 Clubes/países em que atuou profissionalmente

1.2. Durante sua trajetória esportiva era comumente oferecido aos atletas o suporte de equipes multidisciplinares? Identificar se o suporte se deu por parte de clubes, confederação, Comitê Olímpico, etc.

- Preparador Físico –
- Médico do Esporte –
- Fisioterapeuta -
- Nutricionista –
- Fisiologista –
- Psicólogo, -
- Outros? Especifique: _____

(OBS.: Para cada resposta afirmativa, pedir uma breve descrição sobre o suporte/auxílio – quem ofereceu, como, se foi adequado ou não etc...)

2. Durante sua trajetória esportiva era comumente oferecido aos atletas o suporte em temas transversais? Identificar se o suporte se deu por parte de clubes, confederação, Comitê Olímpico, etc.

- Assessoria financeira –
- Assessoria jurídica –
- Assessoria de mídia –
- Aconselhamento Educacional –
- Preparação para a transição de carreira –
- Media Training* (relação com a imprensa)
- Outros? Especifique: _____

(OBS.: Para cada resposta afirmativa, pedir uma breve descrição sobre o suporte/auxílio – quem ofereceu, como, se foi adequado ou não etc...)

3. Sobre o pós carreira

3.1. Com que idade encerrou a carreira profissional? Após o encerramento de sua carreira, lhe foi oferecido alguma ação ou programa de suporte pós carreira? Em caso positivo, qual?

3.2. Quais fatores contribuíram para esta decisão? Contribuiu para a decisão de encerramento da carreira a ocorrência de lesões ou demais problemas de saúde? Em caso positivo, quais?

3.3. Atualmente ainda pratica o basquetebol? Em caso positivo, esta prática ocorre em ambiente competitivo (torneios másters) ou apenas de forma recreacional?

3.4. De acordo com sua percepção, de uma maneira geral, entre os atletas de sua geração, o encerramento da carreira esportiva se deu de forma gradativa e planejada?

3.5. De acordo com sua percepção, de uma maneira geral, entre os atletas de sua geração

Como a transição profissional impactou:

Psicologicamente (ansiedade, frustração, depressão) –

Fisicamente (ganho de peso, dificuldade na realização de tarefas diárias, etc)

Financeiramente -

Possui plano de aposentadoria?

Outros? Especifique: _____

(OBS.: Para cada aspecto, pedir uma breve descrição sobre os impactos

4. Ocupação e situação atuais

4.1. Escolaridade / Emprego

Ensino Fundamental / Ensino Médio / Ensino Superior / Pós Graduação Lato Senso (Especialização) / Mestrado / Doutorado / Outros

4.2. A Escolaridade foi elevada durante a carreira esportiva?

Teve acesso a benefícios decorrente da prática esportiva? (bolsa de estudos, professor particular, datas de provas flexíveis, abono de faltas, flexibilização de horários)

(OBS.: Para cada item afirmativo, pedir uma breve descrição de como obteve, quais os benefícios, limitações etc.)

4.3. Qual sua atuação profissional atualmente? Está relacionada com esporte?

(OBS.: Para cada aspecto, pedir uma breve descrição sobre os impactos)

5. Política de Esporte no Brasil

De acordo com sua percepção,

- a) Existe uma integração das ações esportivas e políticas entre os principais órgãos envolvidos (Ministério dos Esportes, COB, CBB, LNB e Clubes).
- b) Em sua opinião existe um plano para a detecção e promoção de talentos no basquetebol brasileiro. Em caso positivo como você avalia este plano? É mantido um banco de dados bem desenvolvido e atualizado visando o desenvolvimento de talentos?
- c) De forma geral, as instalações esportivas Brasil são adequadas para a prática do basquetebol em alto rendimento?
- d) É oferecido suporte adequado para o atleta de alto rendimento, tanto para o melhor desenvolvimento de sua carreira esportiva quanto para a transição profissional?